

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA (DPsi)

Melissa Giannina Sueros Torres - 758429

Título científico do projeto de pesquisa:

“Adaptação cultural: comparando as percepções da relação coparental em pais de casais brasileiros e de nacionalidade mista”

Título público

“A criação de filhos em casais com um parceiro imigrante e em casais brasileiros”

São Paulo - São Carlos

2022

Melissa Giannina Sueros Torres - 758429

Projeto de pesquisa:

“Adaptação cultural: comparando as percepções da relação coparental em pais de casais brasileiros e de nacionalidade mista”

Projeto de pesquisa apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharelado em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Elizabeth Joan Barham.

São Paulo - São Carlos

Setembro de 2022



O presente trabalho foi realizado com o apoio financeiro de iniciação científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Dedico este trabalho a todos os pesquisadores que estudam o comportamento e desenvolvimento humano, especialmente aos que estejam interessados em estudar e se aprofundar no tema da coparentalidade e adaptação cultural, assim como a todos os que, de alguma maneira, contribuíram com o desenvolvimento desta investigação.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais Rosa e Marcos pelo apoio e carinho incondicional. A minha mãe por não medir os seus esforços que teve para ver sempre alcançando meus objetivos, também me apoiar nas minhas decisões e por me motivar mesmo na distância, você sempre vai ser a minha maior inspiração. Ao meu pai por sempre me aconselhar nos momentos mais precisos e pelo carinho.

Aos meus avós José e Betty, que sempre me animaram a superar meus medos e pelo carinho.

A minha querida orientadora, que tenho uma grande admiração, que desde o início acolheu as minhas ideias, acreditou em mim e no meu potencial para fazer este projeto. Agradeço pela paciência e apoio em cada passo feito. Saiba que valorizo todos os aprendizados e trocas que tivemos durante as nossas reuniões.

A todos os meus amigos que perto ou longe, sempre estiveram presentes de alguma forma, dando-me palavras de incentivo nos momentos difíceis e torcendo por mim e por meus sonhos.

Ao meu companheiro de vida e melhor amigo Thauan por fazer o meu sonho o seu, por sempre estar ao meu lado me motivando e me dando forças, por ser meu porto seguro e por caminhar comigo nesta experiência.

A todos os participantes e a todos que me ajudaram a divulgar o meu trabalho. Agradeço pela confiança e por compartilharem suas histórias, também pelo tempo e a boa vontade de ajudar, porque sem vocês este trabalho não poderia ser realizado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo programa PIBIC e pelo apoio financeiro recebido.

Sumário

Introdução

Aculturação	p.2
Modelo de Aculturação Interativo	p.3
Modelo de Aculturação de Concordância	p.4
Modelo Estendido de Aculturação Relativa	p.5
Coparentalidade	p.7
Modelo teórico da coparentalidade	p.7
Objetivo geral	p.9

Método

Participantes	p.10
Considerações éticas	p.12
Instrumentos	p.12
Procedimento de coleta de dados	p.13
Procedimento de análise de dados	p.14

Resultados

Descrição geral dos participantes	p.15
Respostas a perguntas sobre diferenças de opinião na relação coparental	p.24

Discussão

Contribuições do estudo	p. 59
Limitações do estudo	p.60
Pesquisas futuras	p.61
Implicações para práticas profissionais	p.62

Considerações finais	p. 62
-----------------------------------	-------

Anexo A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	p.66
------------------------------------------------------------------	------

Anexo B. Folheto - Algumas informações sobre a coparentalidade	p.69
-----------------------------------------------------------------------------	------

Lista de Tabelas

Tabela 1. Características Sociodemográficas dos Participantes, por Sexo	p.11
Tabela 2. Principais Fontes de Discordância na Criação do Filho - Casais de Nacionalidade Mista	p.24
Tabela 3. Principais Fontes de Discordância na Criação do Filho - Casais Brasileiros....	p.26
Tabela 4. Disciplina e Ensino de Responsabilidade - Casais de Nacionalidade Mista	p.27
Tabela 5. Disciplina e Ensino de Responsabilidade - Casais Brasileiros	p.29
Tabela 6. Encorajamento Escolar - Casais de Nacionalidade Mista	p.30
Tabela 7. Encorajamento Escolar - Casais Brasileiros	p.33
Tabela 8. Suporte Entre os Parceiros - Casais de Nacionalidade Mista	p.34
Tabela 9. Suporte Entre os Parceiros - Casais Brasileiros	p.36
Tabela 10. Sustento Financeiro - Casais de Nacionalidade Mista	p.37
Tabela 11. Sustento Financeiro - Casais Brasileiros	p.39
Tabela 12. Tempo Juntos e Conversas - Casais de Nacionalidade Mista	p.39
Tabela 13. Tempo Juntos e Conversas - Casais Brasileiros	p.42
Tabela 14. Elogios e Afetos - Casais de Nacionalidade Mista	p.43
Tabela 15. Elogios e Afetos - Casais Brasileiros	p.46
Tabela 16. Desenvolvimento de Talentos e Interesses Futuros - Casais de Nacionalidade Mista	p.47
Tabela 17. Desenvolvimento de Talentos e Interesses Futuros - Casais Brasileiros	p.50
Tabela 18. Leitura e Ajuda com Tarefas Escolares - Casais de Nacionalidade Mista	p.51
Tabela 19. Leitura e Ajuda com Tarefas Escolares - Casais Brasileiros	p.53
Tabela 20. Acompanhamento do Filho - Casais de Nacionalidade Mista	p.54
Tabela 21. Acompanhamento do Filho - Casais Brasileiros	p.57
Tabela 22. Diferenças Culturais em Outras Áreas da Vida, por Tipo de Casal	p.58

Lista de Figuras

Figura 1. Padrões de aculturação apresentados no modelo de Berry p.10

Figura 2. Modelo teórico do conceito de coparentalidade, adaptado de Feinberg ... p.16

Torres, M. G. S. (2022). *Adaptação cultural: comparando as percepções da relação coparental em pais de casais brasileiros e de nacionalidade mista*. Monografia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 71 pp.

Resumo

Atualmente, no cenário internacional, há milhões de pessoas saindo de seu país de origem em busca de uma vida melhor. As constantes mudanças geopolíticas criam demandas para lidar com diferenças culturais via um processo de adaptação sociocultural que pode levar a resultados tais como integração cultural, assimilação, separação ou marginalização. Um contexto que ainda não foi explorado para estudar a negociação de diferenças culturais é na relação coparental, que envolve interações frequentes entre pessoas que estão colaborando para criar seu filho. Construir e manter a relação coparental sempre requer habilidades para lidar com diferenças, mas essa demanda pode ser ainda maior em relacionamentos entre pessoas que cresceram em dois países diferentes. Portanto, no presente estudo, o objetivo foi examinar como os pais lidam com suas diferenças culturais no contexto da relação coparental, comparando pais de casais formados por dois parceiros brasileiros e casais formados por um parceiro brasileiro e um parceiro de outra nacionalidade. Os 15 participantes incluíram 6 mães brasileiras, 3 mães estrangeiras, 3 pais brasileiros e 3 pais estrangeiros, todos com pelo menos um filho entre 0 e 9 anos de idade. Foi usado um roteiro de entrevista com perguntas semiestruturadas para examinar: (a) diferenças de opinião entre os parceiros coparentais em nove dimensões da parentalidade e (b) suas percepções quanto à influência de práticas nas suas famílias de origem. Usando métodos qualitativos de análise de conteúdo, foram categorizadas as respostas a respeito de diferenças de opinião com o parceiro coparental, considerando a influência de práticas culturais versus preferências individuais. Todos os casais apresentaram diferenças de opinião com seu parceiro coparental a respeito de como criar seus filhos, mas para os casais brasileiros, a maior parte das diferenças envolvia questões de divisão de trabalho. Para os casais de nacionalidade mista, além da questão de divisão do trabalho, todos estavam negociando questões culturais tais como práticas de cuidados infantis, expectativas em relação à escolarização dos filhos e formas de expressar afeto. No entanto, no geral, os participantes haviam resolvido as diferenças com seu parceiro coparental, gerando alinhamento e suporte dentro do casal em relação às questões culturais. Além disso, os casais estabeleceram algumas práticas diferentes das normas culturais nas suas famílias de origem. Considerando os desfechos do processo de adaptação cultural descritos na literatura teórica, a maneira como os participantes estavam interagindo com seu parceiro estava levando a um processo de integração cultural, com alguns exemplos de assimilação e de separação cultural. No entanto, nenhum dos participantes fazia parte de casais divorciados. Portanto, em pesquisas futuras, será importante acompanhar casais longitudinalmente a fim de identificar repertórios individuais e interpessoais que contribuam para a qualidade da comunicação sobre questões culturalmente sensíveis e a capacidade de colaboração entre os parceiros. Entender melhor sobre habilidades para trabalhar diferenças culturais pode contribuir para que as pessoas ampliem seu repertório sociocultural no lugar de serem inundados por sentimentos de insegurança, frustração e insatisfação diante dessas diferenças.

Palavras chave: Adaptação sociocultural; Imigração; Coparentalidade; Conflitos

Torres, M. G. S. (2022). Sociocultural adaptation: comparing perceptions of the coparenting relationship among parents in Brazilian and mixed nationality couples. Honours thesis. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 71 pp.

Abstract

Currently, at the international level, there are millions of people leaving their home country in search of a better life. Constant geopolitical changes create demands to deal with cultural differences that are managed through a process of sociocultural adaptation that can lead to outcomes such as cultural integration, assimilation, separation, or marginalization. A context that has been overlooked for studying the negotiation of cultural differences is the coparenting relationship, which is important because it involves frequent interactions between people who need to collaborate to raise their child. Building and maintaining the coparenting relationship always requires skills to deal with differences, but this demand can be even greater in relationships between people who grew up in two different countries. Thus, the objective of the present study was to examine how parents manage their cultural differences in the context of the coparenting relationship, comparing parents in couples with two Brazilian partners and in couples that have one Brazilian partner and one partner of a different nationality. The 15 participants included 6 Brazilian mothers, 3 mothers who were of other nationalities, 3 Brazilian fathers and 3 fathers who were of other nationalities, all with at least one child between 0 and 9 years of age. An interview protocol with semi-structured questions was used to examine: (a) differences of opinion between the coparenting partners in nine dimensions of parenthood and (b) their perceptions regarding the influence of practices in their families of origin. The participants' responses regarding their differences of opinion were categorized using qualitative methods of content analysis. All the participants reported differences of opinion with their coparenting partner about how to raise their children, but for the Brazilian couples, most of the difficulties were related to division of labor. For the mixed nationality couples, in addition to problems related to the division of labor, they were also negotiating cultural issues such as norms regarding childcare practices, expectations about the schooling of their children, and ways of expressing affection. However, in general, participants had worked out differences with their coparenting partner, resulting in alignment and support within the couple. In addition, there were some practices that the couples established that were different from the cultural norms in their families of origin. Considering the outcomes of the cultural adaptation process described in the theoretical literature, the couples were interacting in ways that lead to a process of cultural integration, with some examples of cultural assimilation and separation. However, none of the participants were members of divorced couples. Therefore, in future research, it will be important to follow couples longitudinally to identify individual and interpersonal repertoires that contribute to the quality of communication about culturally sensitive issues and the ability of each parent to collaborate with their coparenting partner. A better understanding of skills that contribute to working out cultural differences can help people expand their sociocultural repertoire, rather than being overwhelmed with feelings of insecurity, frustration, and dissatisfaction when they must deal with these differences.

Keywords: Sociocultural adaptation; Immigration; Coparenting; Conflicts.

Introdução

O que acontece com os indivíduos que se desenvolveram em um contexto cultural e tentam viver em um novo contexto cultural? John Berry (1997) é um dos pioneiros da área de psicologia que apontou a importância de estudar o processo de aculturação, que envolve mudanças psicossociais que ocorrem quando pessoas de grupos culturais distintos passam a interagir. A todo momento, pessoas estão saindo do seu país de origem por diversos motivos positivos, dentre eles viajar por férias, por trabalho ou para estudar, como também por razões como fugir de uma guerra ou de conflitos sociais.

O ato de imigrar apresenta-se como um fenômeno psicossocial complexo que envolve a necessidade de lidar com diferenças envolvendo uma série de referências e contatos socioculturais, em todas as áreas da vida da pessoa. Como resultado da imigração, muitas sociedades se tornam culturalmente plurais; ou seja, pessoas de muitas origens culturais passam a viver juntas em uma sociedade diversa (Berry, 1997). Nos últimos anos, o número de pessoas que imigram tem crescido abruptamente, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2019, por exemplo, foram contabilizadas 272 milhões de pessoas imigrantes. Foi por isso que em diversas áreas acadêmicas, dentre elas a psicologia (e mais especificamente, a psicologia transcultural) pesquisadores estão dando seguimento aos estudos sobre o fenômeno da imigração.

Sabemos que a cultura é um formador poderoso de comportamento, e quando a imigração se dá, os indivíduos continuam a agir no novo ambiente como fizeram no anterior, pelo menos inicialmente (Berry, 1997). Isto leva às seguintes perguntas: o que leva os imigrantes a mudarem seu repertório comportamental para seguir normas culturais do novo ambiente? Quais elementos culturais da identidade do imigrante costumam ser preservados e quais são mais fáceis de mudar quando as pessoas se adaptam e vivem suas vidas em uma nova

sociedade? Esforços para responder a estas e outras questões vem motivando pesquisadores da área de psicologia transcultural a buscarem evidências para entender a complexidade da experiência do imigrante.

Aculturação

Segundo Berry (1997), o termo *aculturação* é empregado para se referir às mudanças culturais decorrentes de encontros de grupos com práticas culturais distintas. Além disso, conceitos de *aculturação psicológica* e *adaptação sociocultural* são empregados para se referir às mudanças psicológicas que ocorrem como resultado de indivíduos experimentando um processo de aculturação (Berry, 1997). Em outras palavras, as mudanças psicológicas que o indivíduo apresenta no período de adaptação são resultados do processo de aculturação ou assimilação.

Para captar algumas das diferenças que podem ocorrer na trajetória de vida de indivíduos ou grupos de imigrantes, como reflexo do processo de adaptação sociocultural, Berry (1997) descreveu quatro formas gerais de lidar com as diferenças culturais. O primeiro é a *assimilação*, que ocorre quando os indivíduos escolhem adotar todos os aspectos possíveis da outra cultura, deixando de manter a sua identidade da cultura original. O segundo é a *separação*, que acontece quando os indivíduos decidem evitar a adoção de práticas da cultura receptora, mantendo a cultura original. O terceiro é a *integração*, que se dá quando os indivíduos optam por manter algumas crenças ou práticas da cultura original, mas também adotam vários comportamentos da outra cultura. Por último, existe a *marginalização*, definida pelo pouco interesse que o indivíduo tem para manter a sua cultura de origem, mas também pela desvalorização de interações com pessoas da cultura anfitriã (ver Figura 1).



Figura 1. Padrões de aculturação apresentados no modelo de Berry (1997) (Fonte: Tashima, 2018).

Por outro lado, Berry (1997) sugeriu que as estratégias de aculturação desenvolvidas pelo grupo anfitrião (ou grupo dominante) dependem da maneira como o fenômeno da aculturação é entendido e, portanto, da influência que esse grupo irá exercer. Interações baseadas no conceito do *melting pot* (caldeirão) acontecem quando o grupo dominante espera que o grupo não dominante assimile todos os comportamentos que fazem parte de sua cultura. No outro extremo, a *segregação* ocorre quando a separação dos imigrantes é imposta pelo grupo dominante. Por último, o *multiculturalismo* existe quando ambos os lados procuram manter e integrar atividades e comportamentos das duas culturas.

Modelo de Aculturação Interativo

Na mesma época, Bourhis (1997) apresentou seu *Modelo de Aculturação Interativo* (em inglês, the *Interactive Acculturation Model -- IAM*), adicionando novos conceitos ao modelo de Berry. O modelo é composto por três elementos e dá um enfoque mais nas atitudes do que nos comportamentos e ao mesmo tempo, na concordância ou discordância entre atos de aculturação da sociedade receptora e dos imigrantes. O primeiro elemento, envolve a visão de aculturação que existe entre os imigrantes. O segundo elemento está formado pelas perspectivas de pessoas da sociedade anfitriã. Já no terceiro elemento, se encontram as

consequências interpessoais e intergrupais que são produtos das combinações das perspectivas dos imigrantes e da comunidade anfitriã (Tashima, 2018.)

No Modelo de Aculturação Interativo, são detalhadas cinco estratégias de aculturação que podem ser apresentadas pelos membros da sociedade receptora: *integração*, *assimilação*, *segregação*, *exclusão* e *individualismo*. Os três primeiros coincidem com os desfechos descritos por Berry (1997) e os dois últimos envolvem o desdobramento do desfecho da marginalização. O termo *exclusão* refere-se à intolerância da sociedade receptora, envolvendo a negação de direitos e de oportunidades que permitiriam que os imigrantes pudessem ser incorporados na comunidade de pessoas do país anfitrião. O termo *individualismo* descreve contextos nos quais os membros da cultura receptora pressupõem que os imigrantes devem ser tratados como indivíduos e não como membros de um grupo.

Os resultados do processo de aculturação, segundo Bourhis (1997), dependerão do ajuste entre as estratégias adotadas pelos imigrantes e pelos membros da sociedade anfitriã. De acordo com o modelo, estas estratégias estão divididas em três níveis. O nível *conflitual* acontece quando a sociedade receptora evita contato com os imigrantes e quando os imigrantes optam por manter as características da sua cultura original, negando-se a ter contato com a cultura receptora. O *consenso* aparece quando ambos os grupos usam as estratégias de assimilação ou integração. A adaptação *problemática* se dá quando os membros da sociedade receptora e do grupo imigrante entram em uma concordância apenas parcial sobre como contemplar as práticas culturais dos imigrantes no contexto da cultura anfitriã.

Modelo de Aculturação de Concordância

Por sua vez, Piontkowski et al. (2002) apresentaram o modelo de *Aculturação de Concordância*, no qual estão mantidas as quatro estratégias de aculturação propostas no modelo de Berry (1997). Também acolherem o modelo de aculturação Interativo (IAM), apresentado por Bourhis et al. (1997), com a posição de que os resultados da aculturação dependem do

ajuste entre as estratégias de aculturação adotadas pelos imigrantes e aquelas endossadas pelo grupo anfitrião (Tashima, 2018).

Piontkowski et al. (2002) procuraram analisar as estratégias de aculturação existentes em cada grupo. Ao comparar os comportamentos de pessoas do grupo imigrante e do grupo da cultura receptora, dá-se origem aos quatro níveis de concordância e discordância deste modelo. O nível *consensual*, surge quando as atitudes da sociedade anfitriã e dos imigrantes estão em concordância. O nível *problemático cultural* é caracterizado pela existência de discordância entre as atitudes dos dois grupos. O nível *problemático de contato*, envolve discordância nas atitudes dos dois grupos, em questões de contato e participação. O nível de *conflito* existe quando há discordância de atitudes de manutenção e contato, e quando a sociedade anfitriã quer a exclusão dos imigrantes.

Modelo Estendido de Aculturação Relativa

O *Modelo Estendido de Aculturação Relativa (Relative Acculturation Extended Model - RAEM)* foi proposto por Navas et al., em 2005. Os autores utilizaram as contribuições dos modelos citados acima, e ao mesmo tempo, acrescentaram novas contribuições importantes. Este modelo pode ser resumido em cinco proposições. Na primeira proposição, os autores positam que as estratégias de aculturação do grupo imigrante e da cultura receptora ocorrem nas relações intergrupais, de uma forma mais global. Na segunda proposição, apontam que ocorre uma diferenciação no país anfitrião entre os diversos grupos de imigrantes, em função da origem etnocultural de cada um. Na terceira proposição, argumentam para a inclusão de variáveis psicossociais já encontradas na literatura, bem como de algumas novas, entre elas o viés endogrupal, percepção de enriquecimento grupal e permeabilidade da barreira intergrupala. Em relação à quarta proposição, apontam a diferença entre as atitudes de aculturação preferidas (ou ideais) e as estratégias que realmente vêm sendo adotadas, tanto entre os imigrantes quanto entre pessoas do país receptor. Na quinta proposição, comentam que existe uma divisão da

sociedade envolvendo vários domínios da realidade sociocultural, incluindo o domínio político e sistema de governo (relações de poder e ordem social), o de trabalho (ferramentas e maquinaria utilizados, organização do trabalho, etc), o da economia (partilha de bens, transações, hábitos de consumo), o da família (relações maritais e com os filhos), e o do ideológico (crenças religiosas e costumes, bem como, modelos de pensamento, princípios e valores).

Por fim, podemos dizer que o processo de aculturação envolve vários processos e variáveis e portanto um único estudo, método ou instrumento não consegue captar a complexidade do fenómeno da aculturação (Tashima, 2018). Além de todos esses esforços para definir e descrever o fenómeno de adaptação sociocultural, também há pesquisas com evidências a respeito de alguns dos riscos e benefícios psicossociais da imigração. Por exemplo, alguns pesquisadores estudaram a prevalência de problemas de saúde mental entre imigrantes (Franken, Coutinho, & Ramos, 2012). Considerando a busca por uma renda maior em um cenário de trabalho internacional, Tashima estudou a inserção de imigrantes brasileiros em um contexto de trabalho no exterior. Ainda outros buscaram evidências de benefícios de experiências em um outro país para o desenvolvimento cognitivo de alunos universitários (Albuquerque, 2016). Não foram encontrados estudos, no entanto, sobre o processo de adaptação no contexto pessoal ou familiar de imigrantes.

Em todo relacionamento entre duas pessoas, existe a influência de fatores culturais, mas o efeito de diferenças talvez seja especialmente forte no contexto familiar, por envolver interações frequentes com as mesmas pessoas, ao longo de muitos anos. Segundo Minuchin Colapinto e Minuchin (2012), o funcionamento de uma família é um reflexo de relacionamentos mais específicos, incluindo as relações do tipo conjugal (a relação afetiva e de apoio mútuo instrumental entre dois parceiros), parental (mãe-filho ou pai-filho) e a coparental (trocas entre a mãe e o pai de uma criança, a fim de articular seus esforços para criar o filho).

Construir e manter a relação coparental sempre requer habilidades para lidar com diferenças, mas essa demanda pode ser ainda maior em relacionamentos entre pessoas que cresceram em dois países diferentes (casais de nacionalidade mista).

Coparentalidade

A família é um sistema complexo que está diretamente ligado aos processos de transformação histórica, social e cultural (Carvalho, 2020). Dessa forma, as crenças enraizadas sobre o funcionamento individual e familiar, também chamadas de esquemas, podem afetar a forma como os membros da família lidam com as demandas presentes neste contexto (Guerra, Carvalho, Santis, & Barham, 2020). O termo coparentalidade foi criado para entender as interações e vínculos entre os dois pais (casados ou não), para criar seus filhos, por ser uma relação com grande influência sobre o funcionamento familiar, e distinta do relacionamento amoroso dos parceiros e da parentalidade (Feinberg, 2003).

Modelo teórico da coparentalidade

Existem diferentes modelos teóricos a respeito do conceito de coparentalidade. Em geral, estes modelos incluem comportamentos positivos e negativos que ocorrem nas interações entre os pais, durante a criação de seus filhos (Guerra et al., 2020) Neste estudo, será utilizado o modelo da estrutura interna da coparentalidade de Feinberg (2003).

Segundo Carvalho (2020), Feinberg considerou modelos anteriores para assim desenvolver o seu Modelo da Estrutura Interna da Coparentalidade, que contém quatro componentes (Figura 2) e tem como objetivo descrever esse conceito para orientar o desenvolvimento de intervenções. O primeiro componente refere-se a *concordâncias e discordâncias* entre os pais em temas como padrões educacionais, valores morais, emocionais e associações com pares. Segundo Carvalho (2020), a negociação entre os pais em temas como a educação dos filhos envolve conflitos, visto que as mães e os pais costumam-se basear nos modelos que vivenciaram na sua família de origem e esses modelos em muitos casos são

diferentes. É importante destacar que algumas das discordâncias entre os pais não tragam resultados negativos, já que estes percebem que podem aprender algo, um com o outro, quando conversam sobre suas opiniões diferentes de forma respeitosa. Mas, quando os dois pais não entram em consenso, estas diferenças podem ter efeitos negativos sobre outros comportamentos coparentais.

O segundo componente, a *divisão do trabalho*, refere-se à forma como são organizadas e divididas as tarefas e responsabilidades referentes à criança e também à casa (Carvalho, 2020). Estas tarefas e responsabilidades incluem temas como questões financeiras, legais e médicas relacionadas à criança. A satisfação por parte dos pais em relação a este componente é influenciada pelo envolvimento e participação dos parceiros.

O terceiro componente envolve *suporte ou sabotagem* do papel parental, por parte do parceiro coparental (Carvalho, 2020). Se define como a presença ou ausência de apoio por parte de um dos pais em relação ao outro, em questões envolvendo a criação do filho. O apoio é refletido em ações e comentários atestando a competência parental do parceiro, reconhecendo e respeitando as suas contribuições, aprovando suas decisões parentais e não minando sua autoridade perante o filho (Carvalho, 2020). Quando há uma ausência desses comportamentos, as discordâncias podem gerar competição entre os dois em relação à criança, com cada um tentando prevalecer.

O quarto e último componente é a *gestão familiar conjunta*, que se divide em três elementos: conflito, coligações e equilíbrio. O *conflito* faz referência a como os pais lidam com as diferenças que geram tensão no relacionamento. Segundo Feinberg (2003), é esperado que os pais aguardem um momento quando a criança não esteja presente para trabalhar na resolução de seus conflitos. Considerando que todos os casais apresentam diferenças de opinião, além de conflitos hostis, a falta de interação entre os parceiros também é sinal que a relação está comprometida e precisa passar por ajustes. Se as tensões não forem solucionadas, pode haver

resultados negativos tanto para os membros da díade, quanto para a criança. Por outro lado, se os conflitos são manejados de forma satisfatória pelos membros do casal, isto pode trazer impactos positivos para os filhos, porque desta maneira eles podem observar os pais pensando juntos, e aprender a resolver conflitos de forma benéfica.

As *coligações* ocorrem em contextos nos quais a ocorrência de conflitos é alta e têm o objetivo de excluir o parceiro das interações familiares, usando a criança para atacar o outro pai (Carvalho, 2020). É recomendado que os pais evitem incluir a criança nessas situações conflituosas, já que esta pode se sentir presa nestas discussões interparentais. Por fim, o *equilíbrio* se refere à similaridade do envolvimento de cada um dos pais em interações com a criança, especialmente em situações quando os três estão juntos (Carvalho, 2020).



Figura 2. Modelo teórico do conceito de coparentalidade, adaptado de Feinberg (2003).
Fonte: Coparentalidade: Evidências teoricamente fundamentadas para validar a Escala da Relação Coparental (Versão Brasileira). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

Objetivo geral

Considerando que a relação coparental, um tipo específico de relação diádica, envolve um contexto social de alta relevância para o funcionamento familiar onde ocorre a negociação de diferenças interpessoais, o objetivo desta pesquisa foi comparar as semelhanças e diferenças

de opinião na relação coparental em casais de nacionalidade mista (mães e pais de países diferentes) e casais com a mesma nacionalidade (brasileiros).

Objetivos específicos

Para os casais brasileiros e os casais de nacionalidade mista:

1. Comparar as percepções de diferenças de opinião nas diferentes áreas da parentalidade.
2. Comparar explicações sobre essas diferenças, ligadas às famílias de origem de cada parceiro coparental.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 6 mães brasileiras (3 de casais de nacionalidade mista e as outras 3 de casais em que ambos os parceiros eram brasileiros), 3 mães estrangeiras, 3 pais brasileiros (todos de casais de nacionalidade mista) e 3 pais estrangeiros, totalizando 15 participantes, todos acima de 18 anos e convivendo com um filho. Os pais estrangeiros possuíam domínio de português suficiente para responder às perguntas da entrevista. Para responder, os participantes foram instruídos a pensar em práticas na sua família de origem e nas negociações atuais com seu parceiro(a), em relação aos cuidados do(a) seu filho(a).

A idade das mães variou entre 30 a 41 anos, com uma média de idade de 33,8 anos ($DP = 4,7$), sendo que a idade das mães brasileiras também variou entre 30 a 41 anos, com média de 33,5 anos ($DP = 4,9$), e a idade das mães estrangeiras foi muito similar, variando entre 30 a 40 anos, com média de 34,3 ($DP = 5,1$). A idade dos pais variou entre 28 a 43 anos, com média de idade de 35,8 ($DP = 5,0$), sendo que a idade dos pais brasileiros variou entre 28 a 35 anos, com média de idade de 33,7 ($DP = 5,1$) e a idade dos pais estrangeiros variou entre 34 a 43 anos, com média de idade de 38,0 ($DP = 4,6$). Na Tabela 1, são apresentados os dados sociodemográficos dos 15 participantes.

Embora a porcentagem dos participantes que moravam fora do Brasil era pequena em comparação com a porcentagem dos participantes que residiam no Brasil, foram mantidos na amostra visto que o objetivo do trabalho foi verificar as diferenças culturais na relação coparental. Mesmo estando em um país diferente, o apoio coparental e envolvimento parental continuam acontecendo. Além disso, ressalta-se a dificuldade de recrutar pais que eram membros de uma díade brasileira.

Tabela 1. *Características Sociodemográficas dos Participantes, por Sexo*

Característica	Níveis	Mães (n = 9) %	Pais (n = 6) %
Nacionalidade	Brasileiro(a)	66,7	50,0
	Estrangeiro(a)	33,3	50,0
País de residência	Brasil	77,8	83,3
	Outro	22,2	16,7
Estado civil	Casado(a) ou união estável	100,0	100,0
Fala português em casa?	Sim	77,8	83,3
	Algumas vezes	22,2	16,7
Reside na mesma cidade que a família de origem?	Sim	33,3	16,7
	Não	66,7	83,3
Sexo dos filhos(as)	Feminino	50,0	50,0
	Masculino	50,0	50,0
Idade dos filhos(as) (<i>em anos</i>)	0 - 2	50,0	50,0
	2 - 4	16,7	0,0
	4 - 6	25,0	16,7
	6 - 8	0,0	0,0
	8 - 10	8,3	33,3

Considerações éticas

O projeto foi aprovado pela CAAE sob o número de protocolo 50251921.0.0000.5504, parecer número 5.121.642. Inicialmente, os participantes leram e aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Anexo A), assegurando-lhes confidencialidade e anonimidade de suas respostas. A todo momento, foi mantida uma postura de respeito para com o participante, também informando sobre a possibilidade de optar por prosseguir ou não com sua participação na pesquisa caso, em algum momento, sentisse qualquer tipo de desconforto.

A participação na pesquisa foi livre e voluntária e não teve nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo. Foi informado aos participantes que caso houvesse despesas decorrentes da participação na pesquisa, seriam ressarcidas, além do mais, eles tinham direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da participação. Também existia um risco associado ao uso de internet, mas as informações não fornecidas pelos participantes como por exemplo, endereço de IP, não poderiam ser acessadas na pesquisa. Além disso, foi ressaltado que o participante não precisava responder a questões que causasse algum incômodo. Além disso, a pesquisadora disponibilizou seu contato, para sanar qualquer dúvida ou prestar qualquer apoio necessário.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico. Foi elaborado um questionário sociodemográfico para descrever a composição da amostra, incluindo itens tais como: idade, sexo, país de origem, escolaridade, tempo de residência no Brasil, número de filhos, entre outras.

Diferenças de Opinião na Relação Coparental. A mais recente versão brasileira do Inventário de Envolvimento Paterno (Santis, 2020) inclui 27 itens que são utilizados para avaliar nove dimensões do envolvimento paterno: (a) disciplina e ensino de responsabilidade, por exemplo “*Estabelecer regras e limites para o comportamento do filho*”; (b) encorajamento escolar, por exemplo “*Encorajar seu filho a ter sucesso na escola*”; (c) suporte à mãe, por exemplo “*Cooperar com a mãe de seu filho na criação deste*”; (d) sustento, por exemplo “*Suprir as necessidades básicas do filho*”; (e) tempo juntos e conversas, por exemplo “*Passar tempo com o filho fazendo coisas que ele goste*”; (f) elogios e afeto, por exemplo “*Elogiar seu filho por ser bem comportado ou fazer a coisa certa*”; (g) desenvolvimento de talentos e interesses futuros, por exemplo “*Planejar-se para o futuro do filho*”; (h) leitura e ajuda com tarefas escolares, por exemplo “*Ler para o filho*” e (i) acompanhamento, por exemplo “*Comparecer aos eventos nos quais o filho participa*”. Neste estudo, foram formuladas perguntas semi-estruturadas com base nas nove dimensões deste instrumento, visando investigar: (a) se existiam diferenças de opinião entre os parceiros coparentais em cada domínio da parentalidade, (b) suas percepções quanto à influência de práticas nas famílias de origem sobre essas diferenças e (c) como o casal lida com essas diferenças de opinião.

Procedimento de coleta de dados

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética, a pesquisadora divulgou a pesquisa através de redes sociais tais como grupos de *facebook e instagram*, por meio de um post onde estavam apresentados os objetivos da pesquisa e os critérios de inclusão dos participantes. Além disso, outra forma de recrutamento utilizada foi a técnica *snowball*, com indicações dos participantes de conhecidos que poderiam contribuir para o estudo. A coleta de dados foi realizada *online*, por meio de *Google Forms* (para a aceitação e consentimento da participação da pesquisa e preenchimento do questionário sociodemográfico) e *Google Meet*

ou *WhatsApp*, para fazer as perguntas semi-estruturadas em formato de entrevista, no horário mais conveniente para os participantes. O termo de consentimento livre e esclarecido foi aplicado através do *Google Forms*, respeitando todas as orientações do Comitê de Ética sobre procedimentos de coleta de dados na modalidade *online*. O tempo de participação na pesquisa foi de aproximadamente 1 hora. A pesquisadora disponibilizou o contato de email e telefone para responder quaisquer dúvidas que surgissem. Após a entrevista, foi enviado um folheto adaptado do folheto de Carvalho (2020) (Anexo B), com informações sobre a relação coparental e algumas indicações de leitura.

Procedimento de análise de dados

Após o período de coleta de dados, os questionários preenchidos e as entrevistas feitas foram examinadas e as respostas da entrevista semi-estruturada foram transcritas. Foram excluídos dados de participantes que apresentaram dados incompletos (por exemplo, tipo de casal e nacionalidade). Os dados qualitativos foram analisados utilizando o método de seis passos descritos por Braun e Clarke (2006). Após a transcrição das entrevistas, foram identificados temas que utilizamos para a categorização das respostas a respeito das diferenças de opinião em cada área do instrumentos de *Diferenças de Opinião na Relação Coparental*. Para cada área de envolvimento parental, foram consideradas a influência de questões culturais, bem como, as estratégias utilizadas pelos respondentes para lidar com diferenças de opinião. Além disso, foi analisada a presença dos temas nas respostas dos participantes de casais mistos em comparação com as respostas dos participantes de casais brasileiros.

Resultados

Serão apresentadas informações sobre diferenças de opinião a respeito de como criar filhos apontadas por membros dos dois tipos de casais e sobre como ocorria a negociação de diferenças culturais na relação coparental, comparando os casais brasileiros e os casais de

nacionalidade mista. Essas informações são importantes, por permitir analisar o quanto esse contexto, que envolve contato interpessoal frequente e de longa duração entre os dois pais sobre uma questão de alta relevância mútua (a criação do filho), favorece a negociação de questões culturais, desde diferenças menores, até diferenças mais extensas e profundas.

Descrição geral dos participantes

Inicialmente, será apresentado um resumo das características e comentários espontâneos de cada participante a respeito da questão de diferenças com o parceiro que afetavam a criação dos filhos.

Participante 1 - Mulher de um casal misto (mãe brasileira, pai alemão) que estava residindo no Brasil. A filha deles estava com 5 anos. Eles não tinham parentes morando na mesma cidade, mas visitavam os parentes da mãe uma vez por mês. As principais diferenças entre os membros do casal foram: a idade quando a filha deveria começar a se dedicar aos estudos, a quantidade de tarefas familiares para cada parceiro (a mãe costuma ter mais tarefas) e o baixo envolvimento parental por parte do pai no brincar e no acompanhamento das atividades da filha (apresentações de dança).

Participante 2 - Mulher de um casal misto (mãe brasileira e pai israelense), se comunicavam em inglês, se mudaram recentemente para Israel, e tinham 3 filhas (uma com 4 anos, uma com 2 anos e a última com 4 meses). As principais diferenças entre os membros do casal foram: questões religiosas (calendário, feriados, festas comemorativas, vestimenta), a idade quando os filhos devem começar a estudar (iniciar o processo de alfabetização e de conceitos básicos matemáticos) e diferenças no programa pedagógico-acadêmico no Israel e no Brasil, bem como e a expectativa por parte da mãe que as filhas irão para uma universidade reconhecida e nomeada; divisão de tarefas familiares e com as crianças (marido acha que ele faz mais tarefas

do que a mulher, mas a mãe acredita que a divisão de tarefas é igual); discordância sobre a importância do poder aquisitivo como fator para decidir a quantidade de filhos (custo de cuidar filhos).

Participante 3 - Mulher de um casal brasileiro (a mãe e o pai eram brasileiros), com dois filhos (um com 9 anos e o outro com 5 meses). As principais diferenças entre os membros do casal foram: a importância de economizar dinheiro que sobra do salário, já que o pai não tem essa prática; baixo envolvimento parental no brincar por parte do pai (trabalho atual é muito demandante). Em trabalhos anteriores do pai, não acontecia isso e existe uma autocobrança por parte do pai de passar mais tempo com os filhos. Influência da família de origem da mãe para fazer atividades de recreação como ir na cachoeira, fazer caminhadas com os filhos, mas o pai não tem essas práticas. Outra diferença comentada foi que a mãe dá elogios com maior frequência do que o pai (pai esquecido). Mostrar afeto também é um comportamento mais frequente por parte da mãe do que por parte do pai (influência da família de origem); a importância de dar presentes no dia do aniversário (influência da família de origem da mãe), enquanto o pai não acha importante.

Participante 4 - Mulher de um casal brasileiro (a mãe e o pai eram brasileiros). O filho deles estava com 2 anos, e eles moravam em uma cidade no interior do estado de Minas Gerais. As principais diferenças do casal envolviam horários para levar o filho na escola: enquanto a mãe achava que devia ter um horário mais flexível, o pai acreditava que tinha que respeitar o horário, mas eles conseguiam conversar e chegar em um consenso para evitar discussões. Os temas que eles concordavam são relacionados à importância do comportamento de respeito que o filho deve ter diante de situações do dia a dia. Existia uma grande apoio entre os membros do casal em relação ao papel que cada um deles desempenhava como pais, além do suporte que eles

tinham para realizar as tarefas de cuidado do filho e da casa. Ela disse que há uma forte influência das famílias de origem sobre a forma como estão criando seu filho.

Participante 5 - Homem de um casal misto (mãe brasileira e pai são tomense), mas os dois pais falavam o português como língua nativa. Além disso, eles sentiam uma proximidade entre as duas culturas e nas suas próprias características físicas (sendo ambos da mesma etnia, autodenominado-se “pretos”), atualmente residem no Brasil, o pai mora no Brasil há 17 anos e tem uma filha de 9 anos. A mãe é pedagoga e trabalha em uma escola onde a filha também estudava. O pai é psicólogo clínico. As principais diferenças entre os membros do casal envolviam questionamentos sobre a idade quando deveriam estimular a autonomia da filha (enquanto o pai achava que deveria ser mais cedo, a mãe achava que deveria ser vários anos mais tarde); diferença entre os parceiros na divisão de tarefas em relação à filha, o pai trabalha e passa mais tempo fora de casa e ele tem a maior renda da família, já a mãe e a filha estão na escola e em casa nos mesmos horários; o envolvimento parental por parte do pai, no brincar e na participação nas apresentações da filha (dança) é menor em comparação com a mãe (no Brasil o envolvimento parental é maior que em São Tomé).

Participante 6 - Homem de um casal misto (pai brasileiro e mãe peruana), que estava residindo no Peru. O filho deles estava com 4 meses. As principais diferenças entre os membros do casal foram: diferenças religiosas, a escolha da comida nas refeições, diferença na renda dos dois, já que atualmente a mãe é quem possui o maior salário para o sustento financeiro da família, mas ela gostaria que o pai tivesse maior renda. Por outro lado, o pai comentou que o uso de contato físico para mostrar afeto no Brasil é mais comum do que no Peru, mas que a mãe foge um pouco da cultura (apresentando maior adesão à cultura peruana). Questionamentos por parte da mãe sobre se realmente é bom ensinar ao filho cumprimentar com beijos pessoas externas da

família ou pessoas próximas (no Peru, beijos são para familiares, mas no Brasil se beija “todos”); o apoio intrafamiliar no cuidado dos netos é comum no Brasil, mas não na cultura peruana. Por último, na cultura brasileira os papéis de esposa e marido são cada vez mais similares, o que é diferente da cultura peruana, onde é esperado que uma mãe é quem cuida dos filhos e o pai é quem trabalha fora de casa.

Participante 7 - Mulher de um casal misto (mãe peruana e pai brasileiro), residindo no Peru, mas já moraram 2 anos e meio em Brasília. O filho deles estava com 4 meses. As principais diferenças entre os membros do casal envolviam questões alimentares, considerando que no Brasil, as crianças têm a liberdade de escolher o que comer, mas no Peru isto não acontece. Além disso, a mãe relatou fazer mais tarefas relacionadas ao cuidado do bebê e da casa, fazendo mais de uma tarefa ao mesmo tempo (*multitasking*), enquanto o marido não conseguia fazer outras tarefas quando estava cuidando do bebê. Existiam diferenças em relação a expectativas a respeito de estilo de vida; a renda menor do marido em comparação a renda da esposa, isto incomodava a mãe. Também a mãe não aprovava as atividades de lazer do pai, porque não as considerava saudáveis (videogame). Em relação ao envolvimento parental no brincar, o pai apresentava menor frequência de envolvimento em comparação com a mãe. Havia divergências de opinião sobre o uso de distratores durante as refeições (telefone, tv). A mãe não se sentia bem com a informalidade brasileira nas interações entre pais e filhos (cada um chamar o outro de “cara” ou “mano”; uso de xingamentos frequentes). A preocupação com a aparência feminina costuma ser maior no Brasil do que no Peru e, além disso, existe uma preocupação maior com aparência física em situações sociais por parte do marido (brasileiro) do que por parte da esposa (peruana).

Participante 8 - Homem de um casal misto (mãe francesa, pai brasileiro). Eles se comunicam em francês e português. A filha deles estava com 4 meses e o casal estava residindo no Brasil, em uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. O pai comentou que as diferenças com a esposa eram mais frequentes no começo do relacionamento. Hoje em dia, as diferenças que surgem são intrafamiliares. Por exemplo, na França, o desmame dos bebês costuma ser mais cedo, e aos 3 meses é esperado que o bebê consiga dormir a noite toda sem ser alimentado durante a madrugada. Estas diferenças intrafamiliares fortaleceram a relação coparental do casal, que se unia para defender suas escolhas que eram diferentes das normas culturais de ambos os países. Outra dificuldade relatada foi que eles possuíam uma única conta bancária que estava no nome do pai, e ele comentou que no momento de pagar as contas ele se sentia sobrecarregado. Tentaram abrir uma conta bancária para a mãe, mas não foi possível já que ela é estrangeira. No final, conseguiram entrar em um consenso que a mãe iria lembrar o pai o dia de pagar as contas.

Participante 9 - Homem de um casal misto (pai brasileiro e mãe colombiana). O filho estava com 5 anos e eles estavam residindo no Brasil em uma cidade do interior do estado de São Paulo. O participante não apontou diferenças culturais que acabavam gerando desacordos entre os membros do casal. Pelo contrário, o pai comentou alguns temas que os dois têm em comum, por ter tido uma criação muito parecida com a parceira, mesmo sendo de diferentes países. Eles concordaram em fazer algumas mudanças na criação do filho em comparação com as normas de suas famílias de origem. Além disso, comentou que o fato de morarem distantes das famílias de origem abriu um espaço para criar suas próprias estratégias para criar o filho. Por exemplo, escolheram escolas para o filho que não sejam católicas. Algumas estratégias que o casal desenvolveu para evitar desentendimentos foi planejar antecipadamente tarefas ou atividades, porque assim os dois conseguiam programar melhor suas atividades. Outra

estratégia que usavam era a divisão de tarefas feita pela disponibilidade de cada um. O pai assumiu mais tarefas relacionadas ao cuidado da casa pela sua capacidade para realizá-las. As decisões do casal eram tomadas com base no diálogo, e não por questões de hierarquia de gênero, o que fortalecia a relação coparental. Em assuntos relacionados à escola, os pais estavam planejando estratégias para quando o filho for começar o ensino fundamental. Por exemplo, já compraram materiais para ajudar o filho a criar uma rotina e ter um espaço bem equipado de estudo. O acompanhamento de eventos e atividades do filho estava sendo feito mais por afinidade. A mãe preferia comparecer às festas e eventos sociais do filho. Já o pai tinha preferência por acompanhar o filho a consultas médicas. Por último, os pais querem que o filho aprenda português e espanhol, para que consiga se relacionar com as duas famílias; portanto, cada pai fala a sua língua materna com o filho.

Participante 10 - Mulher de um casal misto (mãe francesa e pai brasileiro). A filha deles estava com 4 meses, e estavam residindo no Brasil em uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. A participante não teve discordância com o próprio parceiro sobre a criação da filha, mas percebia diferenças nas normas culturais de cada país, por exemplo, a amamentação materna na França dura 3 meses, mas no Brasil a amamentação tem duração de 2 anos. Sobre a vestimenta, as meninas no Brasil utilizam brincos logo após o nascimento, e a cor das roupas e pertences depende do sexo do bebê, mas na França não tem mais essas diferenças. A alimentação e a religião também foram mencionados como temas envolvendo diferenças culturais. Apesar das diferenças entre as duas culturas, através do diálogo, o casal estava conseguindo entrar em consenso e evitar desacordos.

Participante 11 - Homem de um casal misto (pai português e mãe brasileira). A filha, que estava com 9 anos, foi adotada com 5 anos. Moravam no Brasil, em uma cidade do interior do estado

de São Paulo. Os dois pais têm o português como língua nativa. Além disso, a mãe morou 15 anos na Europa. O fato dela ter se aproximado e adaptado com a cultura em diversos países da Europa fazia com que eles conseguissem entrar em acordos com mais facilidade. Por exemplo, eles não aprovam que as crianças nas creches usem chinelos ou estejam descalços. A divisão de tarefas do cuidado da casa e da filha era planejada de acordo com a disponibilidade de tempo de cada pai, mas existia uma cobrança por parte do pai para um maior envolvimento parental da mãe. Ela assumiu muitas demandas de trabalho, e isso gerou alguns conflitos. Por outro lado, no geral eles conseguiam se regular emocionalmente diante de situações estressantes. Também valorizavam a autonomia da filha.

Participante 12 - Mulher de um casal misto (mãe brasileira e pai polonês). O filho deles estava com 4 meses e o casal estava residindo no Brasil, longe da família extensa. Os pais se comunicavam em português. A mãe já morou na Europa e eles estavam juntos há 12 anos. O casal não tinha divergências já que eles tomavam decisões juntos através de conversas das experiências que eles tiveram e das leituras que eles fizeram. Eles trabalham desde casa, onde tem um estudo de corte de cabelo. Isto facilita com que os dois consigam participar do cuidado do filho e revezar estes cuidados nos horários de atendimento. Além disso, eles conseguiram entrar em acordo sobre vários assuntos relacionados ao filho, como por exemplo, dele frequentar uma escola pública e fazer um acompanhamento complementar em casa. Os pais querem que o filho tenha duas línguas nativas (polones e portugues) e eles falam a língua nativa com o bebe. Algumas diferenças culturais que surgiram foram relacionadas ao contato físico, já que na cultura do pai, as pessoas não têm muito contato físico ao se cumprimentar. A participante acredita que esses comportamentos estão relacionados ao clima, como a Polônia é um país mais frio, a interação social costuma ser dentro de casa, a diferença do Brasil, onde as interações sociais são mais frequentes nas ruas. Contudo, o casal conseguiu desenvolver

estratégias de comunicação para evitar problemas e ao compartilhar o mesmo estilo de vida “minimalismo”, muitas das crenças e tradições são criadas em conjunto.

Participante 13 - Mulher de um casal misto (mãe colombiana e pai brasileiro). O filho deles estava com 5 anos, e residiam no Brasil, em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A participante mora há 15 anos no Brasil. Não houveram discordâncias muito grandes a respeito da criação do filho, e as pequenas discordâncias que tiveram foram resolvidas no diálogo. Existia uma grande influência da família de origem da participante nas práticas de criação do filho, mas também surgiram novas estratégias que o casal criou a partir das trocas de experiências pessoais. Para ambos os pais, a educação é um tema importante, então eles esperam que o filho consiga ter um trajetória acadêmica boa, mas não querem influenciar nas decisões dele. Algumas questões culturais que apareceram foram sobre a interação da família nas refeições, também sobre os elogios que são mais frequentes por parte da mãe e sobre as festas comemorativas. As atividades e tarefas de cuidado em relação ao filho são divididas por preferências de cada membro do casal.

Participante 14 - Mulher de um casal brasileiro, com uma filha que estava com 11 meses. Residiam em uma cidade no interior do estado de São Paulo. Não foram comentados pontos de discordância em relação à criação da filha, já que antes de tomar alguma decisão eles costumavam conversar, como por exemplo, não deixar que a filha fizesse birra e não reforçar esse tipo de comportamento, evitar que a filha tivesse contato com telas e não oferecer doces. Os dois participavam do cuidado da filha, e a divisão de tarefas estava sendo feita em função da disponibilidade de tempo de cada parceiro. As despesas da filha estavam sendo divididas. Não conversavam sobre sua própria criação, mas a utilizavam como referência para criar a sua

filha. A participante era católica e o parceiro agnóstico, mas ele respeitava que a mãe queria aproximar a filha ao catolicismo.

Participante 15 - Homem de um casal misto (pai polones e mãe brasileira) com um filho que estava com 5 meses. Ele morou 12 anos fora do país de origem, sendo 10 anos morando no Brasil. Não houveram comentários sobre discordâncias na criação do filho. O casal desenvolveu suas próprias estratégias parentais que foram baseadas na literatura e na criação que eles tiveram. Algumas destas práticas foram a livre demanda no período da amamentação, brincadeiras feitas de acordo com a faixa etária do bebê, e observação da reação do bebê a estímulos como a música. Os parceiros costumavam conversar sobre estas atividades e também sobre as mudanças que percebiam no desenvolvimento do bebê. Algumas das diferenças culturais apontadas foram o comportamento das pessoas nos dois países: na Polônia, as pessoas são mais distantes, enquanto no Brasil o contato físico é mais comum. O participante apontou diferenças culturais nas áreas de religião (mesmo os dois países sendo católicos, no Brasil existe uma mistura entre crenças e religiões), o apego nas famílias (na polônia é esperado que os filhos saiam de casa com 18 anos), sobre a comida, vestimenta, e até questões de saúde infantil (na Polônia, o tempo de gestação é duas semanas maior do que no Brasil na Polônia, os partos ocorrem são introduzidos a partir das 42 e não 40 semanas e há sempre sobre o acompanhamento médico após o nascimento do bebê).

Respostas a perguntas sobre diferenças de opinião na relação coparental

Nas Tabelas 2 a 21, são apresentadas as respostas dos participantes a uma pergunta aberta e nove perguntas específicas acerca de fontes de discordância na relação coparental.

Tabela 2. Principais Fontes de Discordância na Criação do Filho - Casais de Nacionalidade Mista

Participante	Casal alinhado?	Principais fontes de discordância
participante 1	-	Não teve comentários.
participante 2	Não	Religião (suporte entre os parceiros, tempo juntos e conversas, disciplina e ensino de responsabilidade, acompanhamento)
participante 5	Sim	Questões sobre idade para começar a estimular a autonomia e cuidado dos filhos.
participante 6	Não	Questões de religião, escolha da comida
participante 7	Não	Diferenças sobre a comida entre as duas culturas
participante 8	Sim	Comentam que no começo do relacionamento tiveram algumas discordâncias, mas não foi por questões culturais, senão por diferenças pessoais. Atualmente se comunicam em dois idiomas (português e francês).
participante 9	Sim	Tinham uma criação muito parecida, mesmo sendo de países diferentes (criação conservadora), mas ao mesmo tempo, eles gostariam de mudar algumas coisas na criação do seu filho (ter

práticas diferentes das culturas de origem). O fato de morarem longe da família de origem por parte dos dois, faz com que eles consigam criar suas próprias crenças, regras e atividades juntos. (ex: buscar escolas que não sejam católicas).

participante 10	Sim	Não houve discordância entre eles, mas sim notou diferenças culturais de forma geral como por exemplo, na relação da mãe com o bebê, vestimenta (brinco desde muito cedo nas meninas), amamentação, o parto, papéis dos pais, alimentação e religião.
participante 11	Não	Diferentes pontos de vista em festas de aniversário (no Brasil parecem casamentos), halloween, dia da criança (em Portugal não existe), natal (em Portugal é mais voltado à família).
participante 12	Sim	Casal mora longe da família de origem(famílias dos dois pais), isto permitiu que juntos compartilhem suas vivências, e também estudaram para criar suas novas estratégias de criação de filhos.
participante 13	Sim	Não existem muitas discordâncias, e as que tiveram foram pequenas e eles conseguem resolver no diálogo. Tem a mesma forma de criação para o filho.
participante 15	Sim	Não há discordâncias entre o casal sobre a criação de filhos. Eles leram durante a gravidez sobre o tema e compraram com a criação que tiveram para poder tomar decisões sobre como criar seu filho.

Algumas diferenças que foram mencionadas pelos participantes de casais de nacionalidade mista foram: (a) colocar um brinco após o nascimento de um bebê do sexo feminino, que é uma prática cultural no Brasil, além da relação entre a cor das roupas (rosa ou azul) e o sexo do bebê, sendo que estas práticas não são comumente utilizadas na cultura francesa. Uma mãe comentou: *“Fomos no posto de saúde e minha filha vestia uma roupa azul. Mesmo escrevendo o nome dela, eles prestaram mais atenção na cor da roupa e colocaram*

que o sexo dela era masculino”, (b) diferenças sobre a possibilidade de escolha da comida que existe em cada país, especificamente nos ingredientes que são utilizados, na forma como estes são cozinhados e apresentados; “No Peru, os pratos são prontos. Não existe a possibilidade de você separar os ingredientes [de acordo com o desejo da criança].” (c) diferentes formas de comemorar festas importantes entre o Brasil e Portugal, “festas de aniversário aqui se assemelham a casamentos. Em Portugal, costumam ser mais simples. O Halloween e dia da criança em Portugal não existem, e o Natal em Portugal é mais voltado à família”, e (d) religião “Eu acho que a maior diferença cultural entre eu e meu marido é a religião. Meu marido vem de uma família religiosa e eu venho de uma família completamente sem religião. Ele é judeu. Eu tive que me converter judia para me casar. Eu fiz uma conversão toda ortodoxa, mas a religião aqui é uma coisa muito importante mesmo que seja um detalhe na vida. Para eles têm um peso muito grande e aí que vem os maiores pontos de discordância”.

Também foram observadas algumas diferenças que não envolviam diferenças culturais tais como: (a) discordâncias por questões pessoais dos parceiros. Uma participante comentou, “No começo do relacionamento tivemos algumas discordâncias, mas não foi por questões culturais, senão por diferenças pessoais”, (b) conversar e acompanhar conceitos novos sobre a parentalidade para poder criar novas formas de criação de filhos; utilizaram como ponto de partida a sua própria criação, mas o casal compartilhou as suas experiências negativas, buscando alternativas para melhorar sua atuação parental.

Tabela 3. Principais Fontes de Discordância na Criação do Filho - Casais Brasileiros

Participante	Casal alinhado?	Principais fontes de discordância
participante 3	-	Não teve comentários
participante 4	Sim	Mesmo tendo algumas discordâncias (horário certo de levar o

filho na escola por parte do pai e a mãe achar que esse horário pode ser mais flexível) eles conseguem entrar num consenso para não gerar discussão.

participante 14 Sim Não tem discordância e conseguem conversar antes de tomar uma decisão.

Observou-se que os participantes não notaram ter tido discordâncias culturais na criação dos filhos. Entretanto, mesmo se houver algum desacordo, eles conseguem conversar e entrar em um consenso.

Contudo, notou-se que os participantes de casais mistos trouxeram mais comentários sobre temas relacionados a diferenças culturais, em comparação com os participantes que eram membros de casais brasileiros. Apesar disso, ambos membros de cada díade (brasileiras e de nacionalidade mista), conseguiram desenvolver suas próprias estratégias de negociação.

Tabela 4. *Disciplina e Ensino de Responsabilidade - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Disciplina e ensino de responsabilidade
participante 1	Não	Conversas e castigos, diferentes opiniões sobre os métodos de disciplina (tem que conversar e argumentar para poder chegar num consenso).
participante 2	Sim	Prioridade para frequentar escolas, porém família muito liberal, pouca rotina
participante 5	Sim	Diferentes tipos de rigidez, mas conseguem conversar sobre o tema. Casal alinhado
participante 6	Sim	Eles acham que é importante ter rotinas

participante 7	Sim	Concordam sobre a importância da presença dos pais na criação dos filhos, diferença de opinião entre as famílias de origem que fortalece o relacionamento entre o casal
participante 8	Sim	O desmame nos bebês na França costuma ser mais cedo (aos 3 meses é esperado que o bebê durma a noite completa de sono, sem mamar durante a madrugada - diferença de opinião entre as famílias de origem), fortalecimento da relação coparental.
participante 9	Sim	Os dois gostam de planejar o que farão a cada 6 meses porque assim conseguem ter mais controle da situação (ex: fazer uma lista de escolas nas quais o filho poderia ir). A divisão de tarefas é feita pela disponibilidade de cada um, mas o pai acaba assumindo mais tarefas de casa pela praticidade (ele consegue fazer mais rápido). Em relação ao cuidado do filho, o pai costuma ser paciente (influência da família de origem). As decisões do casal são tomadas através do diálogo, e não por questões de hierarquia de gênero (homem que decide) e isso fortalece a relação coparental.
participante 10	Sim	Impacto maior foi para a mãe em relação da amamentação no Brasil até os dois anos e na França até os 3 meses para poder voltar ao trabalho (questões culturais). a Mãe tenta ter um equilíbrio com voltar as atividades e continuar com a amamentação, também conseguiu decidir até que idade iria amamentar (1 ano). O pai apoia a decisão da mãe.
participante 11	Sim	Mãe morou desde os 15 anos na Europa, quando tem alguma questão na escola que eles não concordam eles mudam (ex: crianças andar de chinelo ou descalços, comer fora da mesa). Algumas discordâncias entre eles da mãe querer fazer uma festa de aniversário mais caprichada para a filha e o pai acaba aceitando.
participante 12	Sim	Os dois pais participam do cuidado do bebê e o trabalho que eles têm (cabeleiros) permite que eles revezam o cuidado do filho. Em temas de amamentação, sono. etc, eles concordam mas essas práticas não tem influência da família de origem de nenhuma das duas famílias, eles tentam se informar para tomar uma decisão baseada a literatura e evitar vivências que eles tiveram, como a desamamentação aos 6 meses, ou o cuidado dos filhos por babás. O casal consegue conversar e entrar em acordo sobre essas questões com facilidade.

participante 13	Sim	Mãe é mais exigente em relação aos estudos do que o pai. Sobre as discordâncias, eles conseguem expor seus pontos para chegar num acordo. Existe influência da família de origem por parte da mãe, sobre não desautorizar e sobre a valorização da família e a relação conjugal. A mãe gostaria que o marido tivesse abertura para falar sobre como ele vê ela como mãe (pai tímido e reservado). Por outro lado, a esposa tem uma admiração grande sobre a parentalidade do marido.
participante 15	Sim	Aplicam a livre demanda da amamentação (amamentar quando o bebê sinaliza fome), os dois pais participam do cuidado do filho e as divisões de tarefas são mais relacionadas aos afazeres domésticos.

As diferenças culturais apontadas pelos participantes de casais mistos, na dimensão de disciplina e ensino de responsabilidade, foram: (a) diferentes opiniões sobre os métodos de disciplina *“Quando tem que disciplinar por algum motivo, surge uma divergência porque o parceiro acha que a filha tem que ficar de castigo, mas a mãe pensa que primeiro deveriam conversar com ela antes de por ela de castigo, então eles vão e conversam”*; (b) tempo de amamentação, *“Na França os bebês são amamentados até os 3 meses, para que as mães consigam retomar as suas atividades profissionais ou laborais”*; (c) vestir chinelos ou andar descalços na creche *“em Portugal é mais conservador então é inadmissível que isso aconteça.”*

Os comentários sobre diferenças de opinião, mas que não envolviam diferenças culturais, foram: (a) divisão de tarefas por afinidade relacionadas ao cuidado da casa; (b) planejamento de atividades *“Gostamos de planejar tudo com antecedência e sempre estamos pensando no que faremos a cada 6 meses. Antes da pandemia íamos mudar para São Carlos, mas com a pandemia tivemos que reorganizar esses planos. Para nós, foi mais fácil fazer uma adaptação dos planos do que não ter tido nada planejado e ter que fazer tudo do zero.”* (c) livre demanda na amamentação, que foi uma estratégia de criação de filhos adotada, baseada em leituras.

Tabela 5. *Disciplina e Ensino de Responsabilidade - Casais Brasileiros*

Participante	Casal alinhado?	Disciplina e ensino de responsabilidade
participante 3	Sim	Definir horários de dormir, tomar banho, uso do tablet como lazer que são combinados com o filho e entre os pais. Quando os pais percebem que algum desses horários não está funcionando, porque o filho ficou no tablet até muito tarde, eles conversam e chegam num consenso para reajustar os horários.
participante 4	Sim	Para os dois o comportamento do filho de respeitar os pais é importante (não jogar a comida na cara em vez dele comer toda a comida). Os dois pais apanharam quando eram crianças e eles não querem utilizar a agressão física como forma de corrigir ou mudar comportamentos do filho. Existe abertura para conversas.
participante 14	Sim	Conversam sobre as discordâncias que surgem: não deixar a filha fazer birra.

Nesta primeira dimensão da parentalidade, os pais de casais brasileiros não fizeram comentários sobre diferenças culturais. Mesmo assim, houveram comentários relacionados a estratégias que os membros do casal desenvolveram como forma de agir diante a uma determinada situação, como por exemplo: (a) não reforçar comportamentos de birra apresentados pela filha; (b) definir horários para que o filho consiga seguir uma rotina e quando estes horários não estejam funcionando, eles conversam para poder reajustá-los; (c) não utilizar a agressão física para corrigir ou mudar comportamentos indesejados.

Tabela 6. *Encorajamento Escolar - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Encorajamento escolar
participante 1	Não	Divergência em relação à idade quando começa a dedicação aos

		estudos
participante 2	Não	Divergência em relação à idade quando começa a dedicação aos estudos, divergência no rigor da estrutura acadêmica versus tempo para brincadeiras
participante 5	Sim	Concordância nas atividades extras da filha, disposição para criar interesse na filha em relação às atividades que ela fará (inglês)
participante 6	Sim	Alinhamento nas questões da criança ir para a escola. Dar mais responsabilidades ao filho para ele mesmo controlar as atividades, reduzindo o controle dos pais
participante 7	Sim	Concordam com a idade do bebe começar a frequentar o berçário
participante 8	Sim	Questionamentos sobre a idade quando deve começar a dedicação aos estudos, e também sobre o tipo de escola (pública ou particular); tem suporte para que a mãe consiga retomar as suas atividades.
participante 9	Sim	Conseguem entrar em um acordo sobre que tipo de escola vão escolher (pública ou particular) através de uma lista de prioridades (preço, distancia, etc.). O pai tem um pouco de resistência com a escola pública pelas falhas que o ensino público no Brasil tem, porém não chega a causar conflitos entre o casal. Além disso, o pai ensina alguns comportamentos para estimular a autonomia do filho, como cozinhar (influência da família de origem).
participante 10	Sim	O pai quer que a filha estude em uma escola pública, já a mãe quer que estude em uma escola montessoriana, porque assim ela teria outras opções, além de estudar as matérias mais comuns (matemática, história, etc.) A mãe teve uma escolarização muito rígida e quer proporcionar mais oportunidades de recreação e de brincar para a filha. Essas diferentes opiniões não chegam a ser um problema para o casal, porque os dois respeitam o pensamento do outro e conseguem conversar tranquilamente sobre o tema.
participante 11	Sim	Os dois valorizam a importância da escola e da aprendizagem. Filha é adotada aos 5 anos e é acompanhada por uma equipe multidisciplinar. Influência da família de origem por parte do pai

de acreditar que ir na escola é importante. Algumas dificuldades da filha são desgastantes para o relacionamento do casal.

participante 12 Sim Os pais tomam decisões baseadas em discussões de leituras que ambos fazem. Os dois valorizam as atividades manuais e a criatividade (habilidades da profissão), usando-as para poder desenvolver coisas para a educação e estimulação do filho. Por exemplo, após realizar um curso sobre atividades montessorianas, o pai fez móveis montessorianos que correspondiam com a idade do filho (recém nascidos e 3 meses). Os dois pais cresceram dentro do catolicismo, porém nenhum dos dois se identifica com essa religião; por isso, decidiram que não irão batizar o filho e essas decisões causam conflitos com a família extensa (família da mãe).

participante 13 Sim As atividades que o filho realiza são planejadas pelos dois pais. Eles querem que essas atividades sejam adequadas para a idade do filho. Como ele tem 5 anos, preferem que tudo seja lúdico. Futuramente, gostariam que fizesse esportes. Existe uma preocupação com a adaptação do filho na escola (ensino fundamental). A escolha das escolas é feita pelos dois, e existem critérios que concordam (preço, religião). A mãe gostaria que o filho estudasse numa escola pública mas o pai é resistente a essa possibilidade.

participante 15 Sim As brincadeiras que eles fazem com o filho dependem da faixa etária que ele está, e foram baseadas na literatura, tais como estímulos sensoriais, chocalhos e cobertores. Os dois pais tentam participar da criação (sem ser uma atitude imposta). Eles não dão chupeta porque leram pesquisas que mostraram a importância de deixar o bebê chupar o dedo (comportamento da fase de desenvolvimento) e não querem criar bloqueios de comportamentos desde cedo (família externa não concorda). Diferença sobre a duração da gestação no Brasil são 40 semanas e na Polônia, 42 semanas.

As diferenças culturais observadas na segunda dimensão de parentalidade foram: (a) idade quando os filhos devem começar os estudos: *“Minha filha vai começar a frequentar a escolinha e começar a estudar, A minha opinião era mais de que, ela ainda tinha que brincar porque ainda é pequena, mas o meu marido achava que não poderia brincar mais porque se*

não ela iria ficar atrasada” ; (b) estrutura acadêmica versus brincadeiras, “As minhas filhas começaram a frequentar a creche em Israel e eles não tinham um plano pedagógico estruturado como acontece em creches no Brasil. Elas tinham muito tempo livre e esse tema foi um ponto de discordância entre eu e meu marido;” (c) dar mais responsabilidades ao filho para controlar as atividades versus controle dos pais: “Desde muito novo, eu me virava sozinho e como demonstrava que conseguia ter responsabilidade me davam mais liberdade. Então, as decisões mais sérias de escola e coisas que devia fazer estavam presentes, mas do dia a dia era decisão própria. Por exemplo, de escolher o horário de comer, no Brasil a gente não tem muita discussão da gente sentar na mesa todo mundo junto para comer. Então, às vezes eu estabelecia mais os meus horários para comer, de sair para brincar, de fazer as minhas atividades mais por minha conta e eu gostaria dar essa mesma liberdade para meu filho” (d) importância da escola e rigidez acadêmica, “Minha rigidez acadêmica é muito alta, o que eu espero de uma escola o que eu gostaria que a escola tivesse para as crianças é muito alto. O meu marido, por outro lado, não tem esse rigor acadêmico. Ele foi criado em Israel onde todas as escolas são públicas e são escolas boas mas não têm o mesmo rigor de uma privada brasileira;” (e) tipos de escola (privada ou pública) “Eu estudei em uma escola de música (conservatório). Tinha espaço para aprender sobre música e também outras matérias como história, matemática, etc. Gostei da experiência, porém percebi que tinha poucos espaços para brincar, além da escola ter sido elitista. Eu não gostaria que a minha filha ficasse só focada nos estudos. Quero proporcionar um outro espaço de recreação que a educação montessoriana proporciona. O meu marido, por outro lado, gostaria que nossa filha fosse numa escola pública, para valorizar o serviço que o país têm a oferecer”; e (f) religião dentro das escolas, “Vamos nos mudar proximo para outra cidade e estamos buscando escolas que não sejam religiosas”, “Não pensamos o tipo de escolas ainda, porque nós não nos

casamos pela igreja e aqui tem essa questão de não poder matricular o filho se os pais não são casados pela igreja, então não sei como vai ser quando chegar o momento.”

Além disso, foram apontados temas envolvendo diferenças individuais, tais como, brincadeiras e atividades de estimulação de acordo com a faixa etária do bebe: *“Meu marido fez um curso sobre atividades montessorianas, mas antes disso eles já leram sobre o tema (pedagogias alternativas). As atividades que fazemos com nosso filho são baseadas em leituras que fazemos. Também o meu marido fez mobiles montessorianos para o bebê recém nascido e de 3 meses”*.

Tabela 7. Encorajamento Escolar - Casais Brasileiros

Participante	Casal alinhado?	Encorajamento escolar
participante 3	Sim	Conseguem revezar para tomar conta das tarefas e demandas dos filhos, a divisão de tarefas é mais por afinidade e competência, mãe ajuda mais nas tarefas escolares e o pai nos esportes (pai não completou seus estudos escolares - comportamentos de replicação da família de origem). Os dois incentivam o filho a realizar atividades fora da escola e também compartilham o mesmo pensamento sobre a importância de estudar.
participante 4	Sim	Tem admiração entre eles sobre as atividades que eles fazem com o filho, conseguem conversar e chegar num consenso rapidamente, tem as mesmas dimensões de problema (bom senso). A diferença da família de origem da mãe onde os pais não conseguiam ter a mesma dimensão da importância dos problemas e isso criou uma insegurança para ela.
participante 14	Sim	Conversam sobre possíveis atividades lúdicas que a filha pode realizar, viram que quando ela começou a frequentar a creche ela se desenvolveu mais rápido. Influência da família de origem por parte da mãe por passar tempo com os filhos brincando. Os dois pais participam dessas atividades.

Na segunda dimensão da parentalidade, não foram observados diferenças que envolvem fatores culturais, mas sim a manutenção de normas culturais da geração anterior “*Minha família e a do meu marido também, fomos incentivados a estudar. Minha mãe olhava no meu caderno do mesmo jeito que faço com o meu filho. Acho que sim, tem influência da minha mãe*”; “*A família é muito presente com cuidados das crianças. Em casa, sempre teve muitas crianças e eu sempre brincava com elas e acredito que a minha proximidade com as crianças vem dessas costumes*”.

Tabela 8. *Suporte Entre os Parceiros - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Suporte entre os parceiros
participante 1	Não	Diferenças de quantidade de tarefas para cada parceiro (questões de gênero - mulher faz mais tarefas familiares)
participante 2	Não	Suporte alto e divisão de atividades igual, ela diz que a divisão é igual o marido acha que ele faz do que ela
participante 5	Não	Diferença de quantidade de tarefas (questões de gênero - mulher faz mais tarefas de casa). O pai trabalha mais horas por dia e tem menos responsabilidades com as tarefas de casa. Sustento financeiro maior está com o pai
participante 6	Sim	Não fazem tarefas com o filho juntos, com os 3, em função da demanda do trabalho (precisam revezar)
participante 7	Não	Conseguem revezar as tarefas (durante a noite, o pai pega o bebe para a mãe amamentar) e a mãe disse que faz mais tarefas ao mesmo tempo do que o pai (<i>multitasking</i>)
participante 8	Sim	Existe diferença na quantidade de tarefas em relação à filha (a quantidade de tarefas para a mãe é maior que as do pai, em função da demanda do trabalho, já que não é remoto). Conseguiram se organizar nas tarefas durante a noite.

participante 9	Sim	<p>O pai aprendeu a fazer várias tarefas do cuidado da casa e ajudar familiares com necessidades pessoais, desde muito cedo. Dentro do casal, é ele quem assume maior quantidade de tarefas, que são divididas pela disponibilidade de cada um, mas ele não se sente sobrecarregado (já que está acostumado a fazer essas tarefas há muito tempo). Gostaria de ensinar ao filho a ter essa autonomia (ex: frase que fez sentido para ele "aprender a cozinhar é uma forma de ganhar independência" - existe influência da família de origem, já que o pai do participante tinha o mesmo pensamento.) O casal se organiza com horários e rotinas marcadas com antecedência e nos finais de semana costumam passar tempo juntos, fora de casa.</p>
participante 10	Sim	<p>Conseguem organizar o tempo de cuidado da filha, dando prioridade ao trabalho e à universidade.</p>
participante 11	Não	<p>A divisão de tarefas são planejadas e equilibradas com a disponibilidade de cada um dos pais, mas existe uma cobrança por parte do pai, para a mãe passar mais tempo com a filha. Não tem influência da família de origem, já que na infância ele passava muito tempo sozinho e também percebe que os tempos mudaram, que antigamente não tinha a preocupação de deixar as crianças sozinhas enquanto os pais saíam para trabalhar. As crianças iam sozinhas para a escola e na atualidade os pais tem que levar e buscar os filhos (ele fica triste com a nova realidade mas aceita essa mudança).</p>
participante 12	Sim	<p>O casal consegue organizar bem as tarefas do cuidado do bebê e da casa, essa divisão é proporcional ao tempo livre da pessoa (quem têm mais tempo faz). As atividades juntos costumam ser em horários livres dos dois pais. Essas atividades não têm influência da criação na família de origem, já que na infância da mãe, os pais eram ausentes e ela brincava sozinha. A participante percebe que tem alguns comportamentos que são réplicas da mãe dela, porém ela quer evitá-los porque pode ser desvantajoso para o filho (brigar com o marido para fazer a limpeza da casa).</p>
participante 13	Sim	<p>A divisão de tarefas é por afinidade, mas o pai acaba sendo mais responsável por mais tarefas, por questões de agilidade e proatividade. A mãe é mais metódica e o pai é mais prático. Existe suporte entre os parceiros para passar tempo com o filho e com as tarefas relacionadas ao filho e a casa. Passam tempo juntos durante os finais de semana (kartódromo) caso algum dos pais não consiga sair, eles revezam.</p>

participante 15 Sim Eles passam a maior parte do tempo juntos e dentro de casa, porque o estúdio onde trabalha fica na parte de baixo da casa. Tarefas divididas em relação aos afazeres da casa. Os dois tentam participar do cuidado do filho juntos, dando banho ao filho. A mãe amamenta e o pai troca as fraldas. Não tem influência da família de origem já que o pai do participante foi muito ausente.

Na terceira dimensão da parentalidade, as diferenças que envolvem questões culturais foram: (a) quantidade de tarefas (questões de gênero) *“Existe diferença entre nós na cooperação, como por exemplo, eu cozinho para ela [a filha], ele [o pai] não cozinha, geralmente eu dou banho, eu vejo as coisas para a escola, eu que faço geralmente a lancheira dela para ir para escola, eu marco médico, levo no medico, coisas simples, cortar unha, que é uma coisa boba mais só eu que faço”, “Eu tinha a impressão de que a gente dividia as nossas atividades igualmente e eu tinha a expectativa que ele fosse responder da mesma forma, mas ele achava que ele tinha que fazer mais coisas dentro de casa do que eu”*.

Algumas diferenças individuais observadas foram: (a) revezamento do cuidado do filho(a) *“Quando eu peço para fazer alguma coisa, ele coloca como justificativa estar com o bebe no colo para não ajudar, mas eu consigo estar com o bebe no colo e ao mesmo tempo fazer mais coisas”, (b) tempo com o filho, “Eu acho que a minha esposa deveria passar mais tempo com a minha filha por ela ser mãe, não chega a ser um conflito grande, mas sim conversamos sobre o tema”*.

Tabela 9. Dimensão de Suporte entre os Parceiros - Casais Brasileiros

Participante	Casal alinhado?	Suporte entre os parceiros
participante 3	Sim	Conseguem revezar as tarefas de cuidado dos filhos, o que é uma prática diferente da família de origem da mãe, já que quem tomava conta dessas tarefas e cuidados era mais a mãe que o pai da participante.

participante 4	Sim	Tem admiração entre eles sobre as atividades que eles fazem com o filho, conseguem conversar e chegar em um consenso rapidamente, têm os mesmos critérios para responder aos problemas. Isso é diferente da família de origem da mãe, onde os pais da participante não conseguiam ter a mesma dimensão da importância dos problemas e isso criou uma insegurança para ela.
participante 14	Sim	Os dois pais participam do cuidado da filha, e a divisão de tarefas do cuidado da bebê e da casa são feitas considerando a disponibilidade de tempo disponível de cada um. Nos finais de semana visitam a família do parceiro.

Nas respostas dos casais brasileiros, observou-se que não houve manutenção das normas culturais da geração anterior na dimensão de “suporte entre os parceiros”. Assim mesmo, os participantes criaram suas próprias estratégias de divisão de tarefas, onde os dois membros do casal estavam participando do cuidado do filho e das tarefas de casa. Não foram observadas diferenças culturais.

Tabela 10. *Sustento Financeiro - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Sustento financeiro
participante 1	Sim	Divisão da responsabilidade financeira por afinidade
participante 2	Não	Discordância sobre o poder aquisitivo e os filhos. A mãe tem maior consciência sobre o custo de cuidar dos filhos do que o pai (diferença cultural). Concordância na divisão financeira e gastos
participante 5	Sim	Diferença de renda entre homem e mulher
participante 6	Não	Diferenças de opinião em relação à responsabilidade de cada um para ganhar dinheiro. A mãe provê maior suporte financeiro do que o pai, mas ela gostaria que o pai tivesse essa responsabilidade (questões de gênero: relação entre homem e trabalho e mulher e cuidado dos filhos). Casal desalinhado (não por uma questão de

		diferenças culturais e sim pela circunstância)
participante 7	Não	Questões de estilos de vida diferentes pela renda familiar menor do que na família de origem (pai da participante 7 é médico). Ela não acha que o lazer do marido é saudável (videogame)
participante 8	Sim	O pai provê o maior sustento financeiro (o pai sente sobrecarga ao momento de pagar as contas), tem uma conta bancária, para os dois juntos, mas está no nome do pai (a mãe, por ser estrangeira, tem dificuldade de abrir uma conta). Conseguiram entrar num consenso da mãe lembrar o dia de pagar as contas.
participante 9	Sim	A esposa oferece o maior sustento financeiro da família, mas eles juntam os dois salários e utilizam uma única conta bancária. O pai comenta que essa organização financeira foi uma adesão da cultura de origem da esposa, já que ele, dentro da família de origem, não teve uma referência para isso. Essas práticas fortalecem a relação coparental e conjugal, já que eles estavam alinhados em relação aos desejos e objetivos para realizar seus planos.
participante 10	Sim	Os dois dividem as despesas. Teve momentos no qual só o pai era responsável, pelo afastamento do trabalho durante o nascimento da bebe, mas agora a mãe retornou às atividades do trabalho e começou a pagar algumas despesas
participante 11	Sim	O pai atualmente oferece o maior sustento financeiro da família, mas eles sempre dividem as despesas. Porém não é uma divisão muito rígida (paga quem puder). Há influência da família de origem, porque os pais do participante tinham contas separadas, embora no caso da esposa, a mãe era dona de casa e o pai sustentava a família. O marido incentivava a esposa a ter um emprego para que ela consiga ter independência financeira.
participante 12	Sim	Possuem uma única conta bancária, os pais são donos do salão de cabeleireiro onde trabalham. Eles têm contas fixas para pagar e guardam o que sobrar. Levam uma vida minimalista, preferem comprar livros (não tem tv, por uma crença da mãe). Além disso, estão na transição para o vegetarianismo. O pai lê para o filho livros em polonês e fala com o filho polonês.

participante 13	Sim	Possuem uma única conta bancária, conversam com o filho sobre a importância do dinheiro. A renda maior no momento é da mãe.
participante 15	Sim	Possuem a mesma conta bancária e a mesma renda. Não tem influência da família de origem (pais tinham rendas separadas).

Por meio das respostas dos participantes pertencentes aos casais de nacionalidade mista, observou-se diferenças culturais na dimensão de “sustento financeiro”, tendo como exemplo: (a) custo e cuidado dos filhos(as) *”Meu marido acha que ter filhos não está relacionado com o poder aquisitivo, ou seja, mesmo que você for pobre, você pode ter quantos filhos você quiser que vai tudo correr bem e eu tenho uma visão contrária. Eu acho que se a gente quer ter mais um filho a gente tem que ganhar mais dinheiro”*; (b) responsabilidade para a renda familiar: *“A minha parceira gostaria que eu produzisse mais. Ela tem a maior renda em casa, então para se sentir tranquila, segura, para ela poder abrir mão de algumas coisas e para estar mais tempo com nosso filho, é um tema frequente.”*; (c) um só fica responsável por pagar as contas: *“A minha parceira tem dificuldade de abrir uma conta bancária por ela ser estrangeira, então decidimos continuar utilizando uma conta só, só que ela ajuda a lembrar as datas de pagamento das contas.*

Tabela 11. *Sustento Financeiro - Casais Brasileiros*

Participante	Casal alinhado?	Sustento financeiro
participante 3	Sim	A divisão de despesas é proporcional ao salário de cada um (quem tem maior salário paga mais) é uma prática deles que não teve influência da família de origem. Divergência em relação à importância de economizar (a mãe gosta de economizar e o pai não tem essa prática).

participante 4	Sim	Cada um tem a sua conta bancária, mas dividem o dinheiro como se fosse um só (diferente da família de origem). Não tem problemas na questão de gastos, já que os dois gastam dentro do orçamento. Não questionam em que coisas gastam o dinheiro, os dois acham que é necessário para o outro (exercício, compra de roupas, etc.)
participante 14	Sim	As despesas no geral são divididas na metade. O pai é quem tem a maior renda da casa. Não tem influência da família de origem da mãe, ela vem de uma comunidade indígena e as mulheres cuidam mais dos filhos e não existe um interesse por ter independência financeira.

Nas respostas dos casais brasileiros, não houve manutenção das normas culturais da geração anterior na dimensão de “sustento financeiro”. Contudo, os casais conseguiram criar suas próprias estratégias de organização financeira, como por exemplo, dividir os gastos proporcionais ao salário. Outra estratégia mencionada foi juntar os dois salários como se fosse só um. E por último, dividir as despesas pela metade. Não apareceram comentários referentes a diferenças culturais.

Tabela 12. *Tempo Juntos e Conversas - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Tempo juntos e conversas
participante 1	Não	Envolvimento parental no brincar do filho é maior no Brasil do que na Alemanha
participante 2	Sim	Atividades feitas com as filhas são mais por afinidade (a mãe gosta de fazer quebra-cabeças, o pai gosta de esportes - esqui). As atividades que a mãe faz tem influência das atividades que ela fazia com a família de origem
participante 5	Não	O envolvimento parental no brincar é baixo entre pai e filhos. No Brasil a participação paterno é maior que em São Tomé

participante 6	Sim	Tempo que compartilham cuidando do bebê e a divisão de tarefas. O pai comentou que o contato físico (como mostra de afeto) no Brasil é mais comum, mas a mãe foge um pouco da cultura (adesão à outra cultura). Questionamentos sobre fazer o filho cumprimentar com beijos, pessoas fora do círculo familiar (questão cultural - diferenças permanecem)
participante 7	Não	O envolvimento parental no brincar com o filho é maior por parte da mãe (peruana) que do pai (brasileiro). Desaprovação pelas atividades de lazer do marido (videogame); desaprovação por parte da mãe que o marido esteja com o celular ou tv durante as refeições (questões da cultura familiar dela)
participante 8	Sim	A mãe retomará algumas atividades do trabalho e eles conseguiram se organizar na divisão de tarefas (deixar leite na geladeira para a amamentação), estas práticas enriquecem o envolvimento coparental.
participante 9	Sim	As atividades com o filho são feitas por afinidade (a mãe cuida mais da leitura e brincadeiras no geral, o pai assumiu o cuidado de higiene do filho e atividades artísticas, como pintar e desenhar). O pai acredita que tem influência (inversa) da cultura da família de origem por parte da esposa, já que na infância dela, sempre brincava sozinha.). Essas práticas afetam a relação coparental de forma positiva, porque ajuda na integração dos três.
participante 10	Sim	O pai passava menos tempo cuidando da filha, em função de suas demandas de trabalho, mas com a retomada de atividades por parte da mãe, ele começou a passar mais tempo com a filha. Aponta influência da cultura da família de origem por parte da mãe, já que o pai dela participava muito da criação dela, igual sua mãe.
participante 11	Não	Existe diferença. Ele pensa que a mãe deveria passar mais tempo com a filha. Mas, o pai acha que os tempos são diferentes e que é uma diferença cultural global e não do país. Existe uma cobrança do pai para que a mãe passe mais tempo com a filha.

participante 12	Sim	Conseguem revezar o cuidado do bebe com o tempo de trabalho de cada um (enquanto um está atendendo, o outro está cuidado do bebê), e se a mãe precisa amamentar, o marido atende o cliente enquanto a mãe alimenta o bebê (suporte entre os parceiros nas atividades do trabalho). Decidiram que o filho vai estudar em uma escola pública e os pais irão oferecer atividades complementares dentro de casa. Acham que o filho deve conviver com crianças com a mesma condição econômica dele (mesma realidade). Essas práticas não tem influência da família de origem porque a mãe era muito solitária durante a infância e só passava tempo com amigos da escola e com primos nos finais de semana.
participante 13	Sim	A mãe considera importante interagir durante as refeições, também não ter tv no quarto e só na sala. Existe influência da família de origem da participante.
participante 15	Sim	Conversam frequentemente sobre as mudanças nas habilidades do bebê. Eles se revezam para poder interagir com o bebê. Na Polônia, o acompanhamento pediátrico é mais constante, mas no Brasil não é assim (conseguiram agendar uma consulta 4 meses após o nascimento do bebe).

Na dimensão de “Tempo juntos e conversas” foram observadas, através das respostas dos participantes de casais de nacionalidade mista, algumas diferenças que envolvem questões culturais, como, por exemplo: (a) o envolvimento parental no brincar, *“Na Alemanha os pais levam as crianças nos parquinhos, e se vê bastante pais levando os filhos para brincar, mas eles não têm a mesma interação como aqui no Brasil que você consegue ver os pais brincando junto com as crianças. Lá, os pais ficam sentados, sérios, assistindo”*; *“Na minha cultura, os pais não fazem isso de estar muito com os filhos, eu venho de um país pequeno então as famílias têm mais filhos, então as crianças acabam ficando muito entre elas, se entretêm mais entre elas, então não tem muito essa necessidade de adulto estarem o tempo todo e os adultos também não tem essa cultura de estar ai muito tempo com as crianças.”* (b) contato físico como mostra de afeto, *“A minha parceira foge um pouquinho da criação dela porque ela tem*

mais contato, beija e abraça, o que não é tão comum na família dela”; (c) retomada das atividades da mãe: “ Para mim, essa etapa de amamentação foi uma diferença porque no meu país de origem, o voltar a trabalhar costuma ser após os 3 meses do bebê e o hábito de amamentação não dura mais do que 3 meses” ; (d) tempo de interação durante as refeições, “Passar tempo com a família nas refeições para mim é importante; o olhar na cara da pessoa e valorizar o tempo da pessoa também, não gosto que na mesa as pessoas estejam com o telefone ou assistindo tv , também, pessoas que tem tv dentro dos quartos tendem a interagir menos com a família e passam a ficar mais tempo dentro de casa.”, “Meu pai não deixava que eu e meu irmão ficamos muito tempo na tv ou no telefone, e durante o almoço nós todos nos sentávamos na mesa juntos para comer e era um momento de conversar e interagir. Mas, na família do meu marido costuma ser diferente, porque cada um come no momento que quer e onde quer, até assistindo tv ou no quarto” e (e) acompanhamento do sistema de saúde público “O sistema público de saúde muda muito, na Polônia após o nascimento da criança, dão um acompanhamento contínuo. No Brasil desde o nascimento do bebe, não tivemos mais consultas , só logo após os 4 meses”.

Também existiu uma diferença individual envolvendo a desaprovação das atividades de lazer do parceiro: “Meu marido estava jogando no computador e o bebe precisava de trocar a fralda. Eu pedi para ele trocar a fralda e o meu marido disse que não podia, porque o jogo já tinha começado e não tinha como pausar.”

Tabela 13. Tempo Juntos e Conversas - Casais Brasileiros

Participante	Casal alinhado?	Tempo juntos e conversas
--------------	-----------------	--------------------------

participante 3	Sim	Envolvimento parental no brincar por parte de pai (trabalho atual é muito demandante). Em trabalhos anteriores não acontecia isso e o pai brincava com o filho (auto cobrança por parte do pai). Influência da família de origem em fazer atividades com crianças fora de casa, como caminhadas e visitas a cachoeiras. A mãe conta que sua própria mãe contava que a avó fazia essas atividades e ela fez com eles e atualmente a mãe quer fazer com os filhos
participante 4	Sim	Os dois conseguem fazer atividades diferentes com o filho de forma livre e espontânea (boa relação parental), também conseguem fazer as tarefas os três juntos. Conseguem conciliar o cuidado do filho com o trabalho (50%); influência da família de origem já que os pais também faziam esse revezamento entre os dois para poder cuidar dela e trabalhar.
participante 14	Sim	Evitam que a filha tenha contato com telas e tentam fazer brincadeiras mais lúdicas. Costumam ir no parquinho ou dar uma volta pelo bairro, conversam sobre essas atividades.

Através das respostas dos participantes pertencentes aos casais brasileiros, notou-se que houve manutenção das normas culturais da geração anterior, como por exemplo: (a) fazer atividades lúdicas fora de casa *“eu lembro quando eu era criança e minha mãe me levava para fazer algumas brincadeiras, andar até a cachoeira e fazer um monte de coisas e hoje em dia eu levo meus filhos na praia e para caminhar mas gostaria de fazer mas atividades assim com eles, como minha mãe fazia com a gente”* e (b) revezar o cuidado do filho, *“Eu também fui criada no meio do trabalho dos meus pais então eu aprendi a lidar com isso de eles estão trabalhando mas eles estão me vigiando, para mim é comum conseguir conciliar essas duas coisas, eu tinha uma pessoa que cuidava de mim, mas eu estava perto da minha mãe que é a mesma coisa que acontece com meu filho, mas ele sabe onde encontrar a gente, e é uma coisa que eu gostaria que acontecesse e tem acontecido”*.

Tabela 14. *Elogios e Afetos - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Elogios e afetos
participante 1	Sim	Alinhamento entre o casal, porém os elogios são mais frequentes da parte da mãe
participante 2	Sim	Concordância com o uso dos elogios, mãe não quer replicar comportamentos da família dela (brigar por posse) com as filhas
participante 5	Sim	Concordância com o uso dos elogios, reforço social
participante 6	Sim	Os dois valorizam o contato físico e o tempo de qualidade entre os três
participante 7	Sim	A esposa aderiu à cultura do marido, onde as pessoas têm mais contato físico. Comentou sobre o machismo no país dela (onde os homens se mostram menos sensíveis que as mulheres - questões de gênero e de cultura)
participante 8	Sim	O pai é carinhoso e não tem problema em expressar seus sentimentos. Não concorda com os padrões de masculinidade impostos pela sociedade e pela família (influência inversa).
participante 9	Sim	Esposa é mais rígida e o filho acaba contando mais coisas para o pai. Eles elogiam mais atividades (desenhos) que o filho faz, mas não comportamentos (se comportar bem numa reunião). Ele percebe que nas duas culturas tem uma semelhança no comportamento socialmente aceito de uma criança em ser quieta e tranquila (por parte do pai por ter sido criado por pessoas de idade). Esse tema afeta de forma positiva porque conseguem conversar sobre o tema e chegar num consenso.
participante 10	Sim	A esposa aderiu a cultura do marido (afeto pelo contato físico e pelas palavras- falar te amo).
participante 11	Sim	Eles conseguem conversar frequentemente sobre o tema e quando estão nervosos, conseguem conversar e apontar a situação para que os dois consigam se regular emocionalmente. Os elogios são voltados a autonomia da filha ex: tomar banho sozinha, pegar um livro para ler sozinha e eles tentam elogiá-la

		todos os dias.
participante 12	Sim	"O pai é polonês é mais frio" (diferenças culturais), na família do marido o contato físico é menor que na família da esposa. Eles querem que o filho aprenda polonês, o pai lê livros e fala em polonês com o bebê. Essas práticas não tem influência na criação da família de origem da mãe porque ela ficava muito tempo no berço e não era estimulada e além disso apanhava do pai e não quer replicar esses comportamentos com o filho.
participante 13	Sim	Os elogios são mais frequentes pela mãe que o pai (questões de gênero - homem expressa e elogia menos). O comportamento da participante, tem influência da mãe.
participante 15	Sim	Os elogios são mais frequentes por parte da mãe, a mãe cria músicas para o bebê (o esposo acha que têm influência cultural- no Brasil as pessoas são mais descontraídas), comportamentos de carinho, são manifestados pelos dois. Diferença cultural no comportamento das pessoas entre os dois países, na Polônia as pessoas são mais distantes e frias, já no Brasil, o contato físico é mais comum ao se cumprimentar (o pai aprendeu esses comportamentos).

Através das respostas dos participantes pertencentes ao grupo de casais de nacionalidade mista, na dimensão seis de parentalidade sobre elogios e afetos, destacou-se alguns pontos de diferenças culturais entre o casal que foram: (a) elogios mais frequentes por um membro do casal, *“Quando faz uma coisa a gente elogia e de afeto a gente sempre fala com ela que a gente ama ela e tudo mais. Mas ele numa escala menor que a minha ai isso eu percebo que é cultural dos dois, tanto meu de ser brasileira quanto dele de ser alemão ”* (a) contato físico e expressão de emoções *“Eu percebi que os brasileiros são pessoas de muito contato físico, meu marido a família do meu marido são pessoas que gostam e valorizam muito o contato físico. Já na minha família, não é assim, são mais distantes. Eu considero que aprendi a ser mais carinhosa pela aproximação com a cultura brasileira”* ; outro comentário foi *“Meu marido é mais aberto a dar e receber carinho (contato físico) do que eu. Na França as pessoas são frias, não costumam demonstrar afeto nem por palavras por exemplo: dizer te*

amo a outra pessoa”; ultimo comentario: “*Meu marido é polones é mais frio, os pais do meu marido não comprimentam com abraços, a minha mãe, quando vê, me abraça e aperta. Eu faço isso com o filho, mas meu marido é mais contido.*” (c) importância do filho(a) aprender dois idiomas “*Meu marido fala em polones com meu filho e eu falo em portugues. Eu sou mais comunicativa que o meu marido, mas ele lê historinhas em polones para nosso filho ou do livro em polones que ele esteja lendo, essas práticas não tem influência da minha família de origem*”.

Também foi observados alguns comportamentos onde as normas culturais da geração anterior não se mantiveram: (a) elogios serem mais frequentes por um membro do casal (mãe) “*Eu me considero uma pessoa muito carinhosa, não concorda com os padrões de gênero e sentimentos, onde os homens geralmente tem esse padrão de masculinidade e os sentimentos são bloqueados ou mostrados através da agressividade. Considero que é uma influência inversa sobre esse tema em relação a sua família, porque meu pai e meu tio são pessoas duras que não costumam mostrar fragilidade ou expor seus sentimentos, eu quero fazer o contrário.*”

Diferenças individuais: (a) elogios mais frequentes por um membro do casal, “*Eu sou quem elogia mais e é mais expressiva ao mostrar carinho, meu marido elogia, mas não com muita frequência, acho que podem ser questões de gênero, que o homem elogia menos.*”

Importante destacar que, em relação ao comportamento dos elogios, apareceram tanto questões de diferença cultural, quanto questões de diferenças individuais. Além disso, observou-se que houve *assimilação* das práticas da cultura de origem de um dos parceiros, sobre mostrar afeto através do contato físico

Tabela 15. *Elogios e Afetos - Casais Brasileiros*

Participante	Casal alinhado?	Elogios e afetos
---------------------	------------------------	-------------------------

participante 3	Sim	Elogios mais frequentes por parte da mãe do que pelo pai (esquecido). Acredita que é um comportamento cultural, já que na sua família de origem os elogios eram mais frequentes por parte da mãe. Mas, por outro lado, ela entende que fazer elogios é um comportamento que tem que ser feito por ambos os pais.
participante 4	Sim	Os elogios dados pelo pai são menos frequentes que pela mãe, mas nada que possa afetar a relação parental. A mãe pensa que ela é a figura de afeto do filho e o pai é a figura de segurança ou porto seguro (proteção).
participante 14	Sim	Eles conversam sobre como reagir para evitar que a filha continue tendo comportamentos que eles não gostam, por exemplo, bater em outras crianças.

Em relação à sexta sobre dimensão, elogios e mostrar afeto, notou-se que havia manutenção das práticas da família de origem, *“Eu acho que eu elogio isso mais que o meu marido. Eu elogio mais e às vezes eu cobro um pouco quando meu filho faz alguma coisa boa, tenho que lembrar ao meu marido que tem que elogiar, meu marido é muito esquecido então ele vai deixando, mas acho que sim, eu elogio mais. Tem influência da minha família de origem sim, porque em casa minha mãe era quem mais elogiava”*.

Tabela 16. *Desenvolvimento de Talentos e Interesses Futuros - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Desenvolvimento de talentos e interesses futuros
participante 1	Sim	Entraram em consenso sobre a ideia de pagar para a filha fazer psicoterapia na adolescência.
participante 2	Sim	Para a mãe é importante que, no futuro, as filhas pudessem ir para uma universidade reconhecida e boa, mas para o pai já não é importante (questões culturais - mãe tem uma preocupação maior sobre o futuro das filhas e o pai nem tanto)
participante 5	Sim	Entraram em um consenso sobre a trajetória escolar da filha (do

sistema público ou particular). Casal alinhado

participante 6	Sim	Os planejamentos para o futuro foram mais frequentes durante a gravidez, agora são conversas mais pontuais. Não tem planejamentos futuros, ainda.
participante 7	Sim	Conversaram sobre a trajetória escolar (decidindo que o filho estudaria em uma escola particular); os dois querem que ele fale 3 idiomas como os pais (português, inglês e espanhol). Eles conversam e negociam sobre as atividades futuras do filho (o que representa uma diferença cultural, já que na família dela não acontecia isso; quem decidia as atividades era o pai)
participante 8	Sim	As conversas sobre os planos futuros são frequentes, porém não tem planejamentos específicos. Pretendem ficar no Brasil por um tempo prolongado em função do trabalho do pai, mas no futuro, estão abertos à possibilidade de mudar para a França. Ter abertura para estas conversas é enriquecedor para o casal.
participante 9	Sim	O casal não conversa sobre a trajetória acadêmica do filho, mas sim existe uma preocupação sobre a adaptação e transição do filho da creche para a escola (os dois querem que seja uma experiência o menos traumática possível). Também não querem influenciar na escolha do filho a respeito do que ele quer estudar, mas sim gostariam que siga uma carreira acadêmica. Afeta de forma positiva o casal porque conseguem conversar tranquilamente.
participante 10	Sim	Possibilidade de se mudarem para outro país que não seja a França nem o Brasil (influência da família de origem da mãe - Marrocos). A questão da religião nas escolas públicas no Brasil. Conseguem conversar sobre essas diferenças de forma tranquila.
participante 11	Sim	Os dois pais gostariam que a filha consiga desenvolver aptidões e habilidades para que possa ser autônoma e feliz. Conversam sobre isso a cada 3 meses aproximadamente. O pai gostaria que, no futuro, a filha se aproxime da família dele em Portugal e existe uma possibilidade dela querer viver lá.

participante 12	Sim	Concordam sobre o filho estudar em escola pública, também pensaram na possibilidade de se mudar para a Polônia, mas viram que a situação do país não era muito diferente da do Brasil. No Brasil, eles têm estabilidade no trabalho. O casal percebe que existem muitas diferenças entre eles e as crenças das famílias de origem (religião, inclinação política, estilo de vida). Sobre as conversas de planejamentos futuros, têm influência por parte da família da esposa, porque a mãe possuía vários trabalhos independentes que aumentavam a renda da família, e a esposa sabe que se em algum momento o trabalho do salão não der certo, ela teria que buscar uma outra fonte de renda.
participante 13	Sim	Eles têm as mesmas projeções futuras para o filho. Por ex: estabilidade, segurança, afeto, crescimento pessoal, e respeitam os interesses e participação do filho na tomada de decisões. Influência da família de origem da mãe, já que os pais da participante também tinham abertura para a participação dela na tomada de decisões e tinham as mesmas projeções para os filhos.
participante 15	Sim	Concordam sobre a idade do filho começar a ir na escola e que ele irá para uma escola pública. As conversas sobre planos futuros são frequentes e não existe influência da família de origem nestas práticas, já que os pais não conversavam sobre como as coisas no mundo funcionam. Comentou também que ir morar na Polônia já não é uma possibilidade, porque é um país muito religioso e eles sabem que não existe lugar perfeito para morar, mas se sentem bem morando no Brasil.

Na sétima dimensão da parentalidade, que fala sobre o desenvolvimento de talentos e interesses futuros, foram observadas algumas diferenças culturais entre os membros dos casais de nacionalidade mista. Estas diferenças foram: (a) estrutura acadêmica, "*Para mim o fato das minhas filhas irem para uma universidade boa é muito importante e para meu o marido não é relevante. Na minha família de origem, esse tipo de conversa sobre o futuro era muito recorrente, mas na família do meu marido não*"; (b) trajetória escolar do filho e tipo de escola, "*Meu filho estava frequentando uma creche pública e estamos felizes com o ensino público na creche que meu filho teve. Agora que ele vai entrar no ensino fundamental, eu gostaria que ele*

fosse para uma escola pública, porque valorizo o ensino público. Eu estudei em uma universidade pública, mas meu marido é um pouco resistente a essa ideia”.

Além disso, foi possível observar que existiram comportamentos de *separação* cultural entre os membros de alguns casais, envolvendo a crença de levar os filhos às escolas religiosas que são comuns no Brasil “ *Em relação à escolha da escola, podem estar ligadas com questões de gênero e religião que no Brasil são muito fortes”.*

Contudo, também apareceram comentários sobre não querer manter as normas culturais da geração anterior: “ *Eu percebi que existem muitas diferenças entre as minhas crenças e as crenças das famílias de origem em relação à religião, inclinação política, estilo de vida. Por exemplo, tenho um primo e ele tem um filho de 1 ano. Ele comenta que quer criar o filho na moda antiga e coloca uma arma na mão do filho para tirar fotos dele com a arma. Esses comportamentos fazem com que eu tenha medo do meu filho conviver com minha família extensa. Como moramos longe da minha, eu me sinto acolhida pelos meus clientes, porque são similares a gente”.* Houve outro comentário: “*Tínhamos pensado em ir para a Polônia antes de ir morar em São Paulo, mas logo lembrei porque queria sair do país. É um país muito religioso, e eu gosto do Brasil, do clima, das pessoas calorosas”.*

Um comentário onde foi possível observar *assimilação* cultural por parte da mãe em relação à cultura do marido foi: “ *Eu gosto dessa abertura que existe entre as pessoas no Brasil para procurar ajuda e buscar o outro para conversar sobre temas que na minha cultura e cidade de origem não costuma acontecer. Na minha criação foi muito mais restrita a liberdade de escolher o que fazer, já que meu pai tomava conta de tudo e ele era quem planejava as atividades que iria fazer.”*

Tabela 17. *Desenvolvimento de Talentos e Interesses Futuros - Casais Brasileiros*

Participante	Casal alinhado?	Desenvolvimento de talentos e interesses futuros
participante 3	Sim	Conversas sobre planejamentos futuros não são frequentes, os dois pais incentivam as atividades que o filho gosta de fazer (esportivas e escolares). Os dois pais pensam igual e acabam falando as mesmas coisas para o filho, sendo um casal alinhado.
participante 4	Sim	O casal vive o dia a dia, pela quantidade de demandas que tem que lidar, não tem planos para o futuro em relação ao filho, mas os dois concordam que o filho tem que fazer algum esporte (ainda não sabem a idade nem o esporte) também consideram que o ensino superior é importante. A mãe considera que teve uma boa educação, então não quer dar mais nem menos do que ela recebeu (influência da família de origem). Discordância em relação à quantidade de filhos (pai queria ter 3) mas a mãe não quer deixar a carreira profissional e se tivessem mais de 2 filhos ela não conseguiria dar a mesma atenção individualizada para cada um.
participante 14	-	Não conversam sobre o tema, tem influência da família de origem.

Na sétima dimensão da parentalidade, que fala sobre o desenvolvimento de talentos e planos a futuro, percebemos que através das respostas trazidas pelos participantes de casais brasileiros, o tema não é tão comum nas conversas corriqueiras. Por outro lado, existem planejamentos sobre atividades feitas pelo filho no presente ou de planejamentos a curto prazo (manutenção das normas culturais da geração anterior). Esse padrão difere dos casais de nacionalidade mista, onde apareceram mais temas.

Também apareceu uma diferença individual em relação ao número de filhos: "*Meu marido gostaria de ter uma família maior e eu estou bem disposta para este segundo filho, então a gente tem uma questão de quantos filhos vamos ter*".

Tabela 18. *Leitura e Ajuda com Tarefas Escolares - Casais de Nacionalidade Mista*

Participante	Casal alinhado?	Leitura e ajuda com tarefas escolares
participante 1	Sim	Expectativa de compartilhar o acompanhamento das tarefas escolares (revezamento)
participante 2	Sim	Não houve desentendimentos, mas a mãe gostaria de ter a responsabilidade por afinidade. No entanto, a linguagem é uma barreira para a mãe conseguir ajudar as filhas
participante 5	Sim	Os dois ajudam a filha nas tarefas escolares (por parte do pai, a mãe do participante é professora e ajudava nas tarefas, então o pai quer fazer igual com a filha) e a esposa é professora e ela também ajuda nas tarefas escolares
participante 6	Sim	Buscam se informar para poder estimular o filho da melhor forma
participante 7	Sim	Planejamento em como farão para que o filho aprenda os 3 idiomas (espanhol, português e inglês) desde criança. Interesse em buscar informação sobre estimulação infantil e sobre a introdução de alimentação sólida.
participante 8	Sim	Os dois pais são músicos (esse interesse não tem influência da família de origem de nenhum dos dois), compartilham momentos tocando música, e no futuro gostariam que a filha também tivesse essa paixão pela música.
participante 9	Sim	O casal está planejando como vai ser a rotina do filho quando começar a escola e a ter tarefas, já compraram uma mesa e cadeira para que ele tenha um espaço onde estudar e também para criar esse hábito de estudar em um lugar específico. Não existe influência da família de origem por parte do pai (influência inversa) já que ele não teve essa orientação, mas ele aprendeu ao longo do tempo e quer ensinar isso ao filho. Afeta de forma positiva o casal porque conseguem se organizar e se algo sai diferente do planejado a reorganização é mais fácil para eles.
participante 10	Sim	Os três costumam compartilhar tempo quando tocam música (pais músicos) e gostariam que no futuro a filha tenha o mesmo interesse pela música.

participante 11	Sim	<p>Durante a pandemia, o pai era quem ajudava mais e assumia mais responsabilidades em ajudar a filha com as tarefas da escola, mas com a volta das aulas ao presencial, a mãe também participa dessas atividades. A filha está em uma escola em tempo integral, então consegue fazer a maioria das tarefas na escola. Não tem influência da família de origem por parte do pai, já que ele não recebia o suporte do pai, só da mãe, e ele quer fazer diferente (influência inversa). Quando surgem diferentes opiniões sobre o tema, eles discutem mas conseguem chegar num acordo.</p>
participante 12	Sim	<p>Eles compartilham bastante tempo juntos porque antes de ter o filho, eles já faziam várias coisas juntos como casal. Algumas atividades que fizeram foram ir na praia ou no parquinho. Eles se importam com a reação do bebê e as atividades são dirigidas pelo interesse do bebê. Por ex: o bebe estava indo a vários lugares, mas estava deitado e incomodado. A mãe sugeriu que o pai pegasse o filho no colo e caminhou pela casa. O bebê se acalmou e gostou da atividade. Essas práticas não tem influência da família de origem da participante porque a mãe não era empática e sempre fazia o que achava melhor a ser feito. A participante sentia que ela não tinha voz porque a mãe era quem decidia tudo. Além disso, a participante comentou que acredita que as práticas que a mãe teve foram por falta de informação.</p>
participante 13	Sim	<p>O filho ainda não tem tarefas da escola, mas eles já planejaram como será a divisão entre os pais para ajudar o filho. Também já organizaram e compraram materiais para criar esse ambiente de estudo.</p>
participante 15	Sim	<p>Vem a reação do bebê sobre a música e outros estímulos, as atividades são planejadas dependendo da fase de desenvolvimento da criança.</p>

Na oitava dimensão da parentalidade, sobre leitura e ajuda com tarefas escolares, apareceram as seguintes diferenças culturais entre os membros das díades de nacionalidade mista: (a) dificuldade ao ajudar aos filhos(as) nas tarefas da escola por não falar o idioma do país (barreira do idioma) “ *Eu acredito que meu marido não ia se importar muito em relação às tarefas, ele deixaria para que eu tome conta disso, porém existe uma barreira pela língua porque eu não falo ebraico e aí eu precisaria da ajuda dele para poder fazer as tarefas*”, (b)

expectativa para que o filho aprenda 3 idiomas com objetivo de ter oportunidades de intercâmbio *"Em questões de linguagem, eu quero que meu filho fale 3 idiomas (espanhol, inglês e português) já que eu e meu marido falamos três idiomas. Tem influência da minha família de origem porque meu pai queria que a gente viajasse e saísse de casa, o que é diferente da família do meu marido. Eu fui a primeira estrangeira que ele conheceu"*.

Alguns planejamentos que não tem influência da família de origem foram apontados: (a) comprar materiais (cadeira, mesa) para criar o espaço de estudo do filho *"Meu filho ainda não está tendo muitas tarefas, porém já estamos preparando o espaço de estudo, compramos uma mesa e cadeira. Eu não tive esse espaço e com o passar do tempo descobri que ter esse espaço de estudo é muito importante"*; o revezamento e ajuda nas tarefas da escola da filha também apareceu como um comportamento feito pelos dois pais *"Os dois ajudamos ela com as tarefas da escola durante a pandemia e essas práticas não tem influência da família da minha família de origem, porque meu pai não era presente, quem me ajudava era mais a minha mãe e eu quero ser diferente do meu pai"*, estímulos para o filho(a) de acordo com a faixa etária *"Eu e a minha esposa estamos descobrindo juntos o que o bebe gosta de fazer, as atividades fluem naturalmente, mas sempre lemos para saber qual estímulo seria ideal para a idade do nosso filho"*. O interesse dos pais, para que os filhos aprendam as duas línguas maternas em casais onde a linguagem é diferente é um tema frequente, já que valorizam a interação que os filhos possam ter com as famílias extensas.

Tabela 19. *Leitura e Ajuda com Tarefas Escolares - Casais Brasileiros*

Participante	Casal alinhado?	Leitura e ajuda com tarefas escolares
participante 3	Sim	No começo, os pais conseguiam revezar, com o passar do tempo a mãe tomou a iniciativa de ser a responsável por ajudar o filho nas tarefas escolares. Esta divisão é feita por afinidade, questões culturais familiares (na família de origem da participante, a mãe

era quem ajudava nas tarefas) e por competências (o pai não finalizou os estudos na escola). A mãe não dá mais a opção de o pai ajudar *"Eu já vou direto, no automático"*.

participante 4 Sim A mãe faz mais tarefas relacionadas ao cuidado do filho e às atividades (buscar e levar na escola, etc) pela disponibilidade de tempo que ela tem, mas o pai participa quando a mãe não consegue realizar alguma tarefa. O suporte entre os dois é bem equilibrado (diferente da cultura nas suas famílias de origem), e também existem momentos nos quais os dois participam dessas atividades.

participante 14 Sim Concordam com as atividades de estimulação que fazem com a filha e sobre evitar o uso de telas.

Nas respostas dos participantes pertencentes ao grupo de casais brasileiros, notou-se que não houve manutenção das normas culturais da geração anterior em relação aos cuidados dos filhos, todos os casais conseguem dividir as tarefas *"Eu tomo conta de algumas atividades, eu levo e busco da escola, eu faço a matrícula, mas isso não quer dizer que meu marido não participa, quando eu não consigo buscar o meu filho da escola ele vai e sempre temos esse suporte. Quando meu filho nasceu meu marido cuidava muito dele, trocava fralda, colocava ele para dormir, dava banho e fazia tudo o que eu fazia, e meu pai falou uma vez para minha mãe "nossa! Nosso genro é uma mãe para o nosso neto, como se ele fizesse as coisas por obrigação"*.

Tabela 20. Acompanhamento do Filho - Casais de Nacionalidade Mista

Participante	Casal alinhado?	Acompanhamento
participante 1	Não	Envolvimento parental nas atividades e apresentações da filha. A mãe dá mais importância que o pai
participante 2	Sim	Não teve desentendimentos, mas tem lugares (sinagoga) onde a mãe não participa

participante 5	Sim	O pai responde às solicitações de maior envolvimento por parte da mãe
participante 6	Sim	Tentam participar de todos os controles do bebê juntos. Diferenças em relação à comida
participante 7	Sim	Conseguem conversar e opinar para a tomada de decisões (por ex: primeiro aniversário do filho - fazer um <i>smash the cake</i> [da cultura americana]). As festas culturais nos dois países são semelhantes, só muda a questão da comida. No Brasil, as comidas são mais elaboradas (brigadeiro, coxinha) e no Peru mais industrializadas (salgadinhos).
participante 8	Sim	Os dois pais se interessam em participar das atividades da filha (acompanhamentos médicos - envolvimento parental). Na França, tem mais movimentos anti vacinas.
participante 9	Sim	O acompanhamento de eventos e atividades do filho é mais por afinidade (mãe prefere ir a festas porque ela é mais social e comunicativa e o pai prefere ir a atendimentos médicos ou dentista porque é mais tímido). O pai quer fazer diferente da família de origem (influência inversa) já que ele não teve alguém que pudesse lhe acompanhar nessas atividades. As festas nos dois países são diferentes. Na Colômbia, são mais animadas (pessoas dançam) e no Brasil as pessoas são mais recatadas, mas são relativamente parecidas. Existem atividades onde os dois também vão juntos.
participante 10	Sim	Participação dos dois pais em eventos e cuidados da filha. Pais vegetarianos que na introdução alimentar de comidas sólidas da filha continuarão uma dieta vegetariana dentro de casa, quando a filha crescer eles deixarão que ela escolha o que vai querer comer fora de casa.
participante 11	Sim	Eles conseguem dividir o acompanhamento das atividades, quando é em relação à escola, os dois vão juntos, mas se é alguma atividade fora da escola (vôlei, ginástica) vai um só. O participante aponta que há uma diferença entre o envolvimento dos pais em acompanhar os filhos nas atividades e eventos. Antigamente, os pais não costumavam participar e os pais na atualidade participavam. O pai do participante só perguntava como estava indo na escola, mas não teve envolvimento em ajudar ou acompanhar.

participante 12	Sim	Entre eles, não existem diferenças de opinião em relação ao bebê, mas as diferenças são mais frequentes com a família de origem por parte da mãe. Por ex: a mãe da participante não concorda que o bebê tenha uma dieta sem carnes. A tomada de decisões é feita em conjunto e sempre tem que ter uma explicação científica ou comprovação que aquilo é benéfico para o bebê (<i>“não tomamos decisões baseadas em achismos”</i>). Uma divergência que tiveram foi pela quantidade de brinquedos oferecidos para o bebê. Enquanto o pai achava que só tinha que ser oferecido um brinquedo por vez, a mãe achava que era melhor oferecer vários (3 ou 4) para que o bebê pudesse escolher. Para evitar esse tipo de divergência, eles preferem investigar e logo conversar. Os dois pais participam dos eventos em que o bebê precisa participar e dos cuidados também (por ex: dar banho). Antes da gravidez, os dois faziam atividades juntos e agora eles incluem o filho. Essas práticas não têm influência da família de origem da mãe, porque os pais da participante eram ausentes.
participante 13	Sim	O acompanhamento das atividades do filho é feito por afinidade. A mãe, por ser mais sociável, vai nas festinhas, por outro lado o pai prefere ir em consultas do médico pela profissão (enfermeiro). Mas existem momentos onde os dois vão juntos.
participante 15	Sim	Os acompanhamentos a eventos ou atividades dependem da disponibilidade de tempo dos pais e da demanda do trabalho. Normalmente vão juntos, mas já foi só um. Quando está ensolarado saem para caminhar.

As diferenças culturais observadas nessa dimensão de parentalidade foram: (a) envolvimento parental no brincar e nas atividades do filho(a) é mais importante para a mãe *“Uma grande diferença cultural que me choca muito é que na Alemanha deixam a criança fazer as coisas sozinha. Ela é pequenininha, agora tem 5 anos. Se a gente vai num parquinho que tem um brinquedo que ela não conhece, eu levo ela, mostro como usar o brinquedo, fico com ela até ela usar algumas vezes, para ela aprender. Ele pela cultura dele é tipo “vai lá , vai criança se diverte, se cair eu vou lá te acudir”*. *Eu fico louca pensando - Meu deus do céu, como você pode fazer isso! Como as crianças sobrevivem na Alemanha?*”, (b) espaços religiosos onde um dos parceiros não participa, *“Tem momentos específicos que só ele*

participa, como ir na sinagoga”, (d) tomada de decisões em conjunto sobre comemorações e festas do filho(a), (e) comida “As comemorações nos dois países são semelhantes, a única diferença é a comida que tem nas festas. No Peru, a comida costuma ser mais industrializada e no Brasil costuma é mais elaborada. Gosto da ideia de ter que preparar as coisas mais manualmente”.

Também foi apontado um comentário sobre o planejamento da alimentação do bebê, que será baseada em plantas. Os membros da família extensa não aprovaram, mas foi uma decisão tomada pelos dois pais.

Tabela 21. *Acompanhamento do Filho - Casais Brasileiros*

Participante	Casal alinhado?	Acompanhamento
participante 3	Sim	Os dois tentam participar juntos em atividades ou eventos do filho. Eles gostam de ir juntos, mas depende muito do tempo disponível de cada um (mesmo um não conseguindo, o outro vai). Não tem influência da família de origem, já que apenas a mãe era quem participava mais das atividades e eventos.
participante 4	Sim	O pai responde às solicitações de maior envolvimento por parte da mãe. Reflete a influência da família de origem, porque a mãe do participante também exigia esse envolvimento paterno nas atividades.
participante 14	Sim	Os dois acompanham a filha aos eventos e atividades que ela participa. Não tem influência da família de origem. Por ex: meninas e meninos não podiam ir aos mesmos eventos (existia uma liberdade maior para os meninos).

Nesta dimensão de parentalidade, os participantes apontaram que não houve diferença de opinião em acompanhar ao filho em eventos. Pelo contrário, eles conseguiam ir juntos, tendo assim, ambos os pais um bom envolvimento parental.

Na Tabela 22, são apresentadas as respostas dos participantes a uma pergunta acerca de outras áreas de diferença cultural na relação coparental.

Tabela 22. *Diferenças Culturais em Outras Áreas da Vida, por Tipo de Casal*

Área	Existe diferença cultural?	Casais	Casais
		Mistos (n= 12) %	Brasileiros (n= 3) %
Linguagem	Sim	91,7	33,3
	Não	8,3	66,7
Religião	Sim	75,0	66,7
	Não	25,0	33,3
Festas culturais	Sim	91,7	33,3
	Não	8,3	66,7
Tempo com a família	Sim	75,0	33,3
	Não	25,0	66,7
Comida	Sim	83,3	33,3
	Não	16,7	66,7
Tradições	Sim	83,3	33,3
	Não	16,7	66,7
Expressão de emoções	Sim	75,0	33,3
	Não	25,0	66,7
Uso de roupa mais adequada para alguma ocasião	Sim	75,0	33,3
	Não	25,0	66,7

Os membros dos casais de nacionalidade mista apontaram ter muitas diferenças nas áreas investigadas, e em especial, em áreas como a linguagem e nas festas culturais, em comparação com os casais brasileiros. A área onde teve menos diferenças culturais, tanto nos casais de nacionalidade mistas quanto em membros de casais brasileiros foram: religião, tempo com a família, expressão de emoções e uso de roupa mais adequada para alguma ocasião.

Discussão

Considerando que a relação coparental envolve um contexto social de alta relevância para o funcionamento familiar, onde ocorre a negociação de diferenças interpessoais (Feinberg, 2003; Guerra et al., 2020), o objetivo geral desta pesquisa foi examinar diferenças de opinião entre parceiros coparentais a respeito da criação de filhos, comparando membros de casais de nacionalidade mista (mães e pais de países diferentes) e casais com a mesma nacionalidade (brasileiros).

Para isso, primeiro, foram comparadas as diferenças de opinião entre os pais em diferentes áreas da parentalidade. Todos os casais apresentaram diferenças de opinião com seu parceiro sobre como criar seus filhos, mas para os casais brasileiros, as diferenças envolviam, principalmente, questões de divisão de tarefas. Para os casais de nacionalidade mista, além de terem os mesmos problemas logísticos que os casais brasileiros, todos estavam negociando questões culturais envolvendo, por exemplo, a alimentação do filho pequeno, expectativas em relação à escolarização dos filhos, expressão de afeto e religião. No entanto, no geral existia um alinhamento e suporte dentro dos casais em relação às questões culturais, com vários exemplos de comportamentos informados por, mas diferentes das normas culturais da família de origem de cada um dos parceiros.

Em ambos os tipos de casal, apareceram comportamentos que envolviam seguir práticas das famílias de origem, bem como, práticas “inversas” em comparação com as experiências nas famílias de origem. Embora os casais brasileiros também estivessem mudando a forma de criar seus filhos em comparação com a geração anterior, foram observadas menos alterações e questionamentos do que nos casais de nacionalidade mista. Em todas as áreas de parentalidade (Santis, 2020), bem como em outras áreas da vida (tais como língua, comida, datas comemorativas, religião, entre outras), os casais de nacionalidade mista negociavam cada aspecto da criação do seu filho para decidir como agir.

Contribuições do estudo

Considerando os desfechos do processo de adaptação cultural descritos na literatura teórica (Berry, 1997), foram observadas decisões que refletem resultados envolvendo *integração cultural*, principalmente, e alguns exemplos de *separação* e *assimilação*. Enquanto uma contribuição teórica, sugerimos introduzir, também, o conceito de *expansão cultural* para descrever comportamentos que emergem quando as pessoas de culturas diferentes criam suas próprias normas, ou quando ampliam seu uso de repertório cultural (por ex., ensinando duas línguas ao filho).

Esse estudo traz contribuições novas, por focar no processo de aculturação no contexto do relacionamento coparental. Nesse contexto, ocorre a tomada de decisões e coordenação entre os pais, dentro de um relacionamento onde tende a existir alto grau de compromisso socioemocional (Carvalho, 2020), o que parece favorecer um processo de adaptação cultural não apenas saudável, mas onde ideias e práticas novas surgem.

Limitações do estudo

Primeiramente, com a quantidade de participantes no presente estudo, não podemos dizer que os resultados obtidos contemplam a amplitude de experiências na população de casais brasileiros e de nacionalidade mista. Além disso, o recrutamento de participantes de casais brasileiros foi difícil, obtendo assim maior quantidade de pessoas de díades de nacionalidade mista. Ainda em relação ao perfil dos participantes, não apareceram pais de casais divorciados em nenhum dos dois grupos de casais. Assim como, a idade do filho dos participantes variou muito, o que possibilita que os pais com filhos mais velhos possam ter tido mais experiência em negociações na relação coparental, reduzindo a probabilidade de observar dificuldades mais graves entre os parceiros coparentais. Quando os conflitos persistem e intensificam, podem

levar a uma ruptura no relacionamento, tanto por parte dos casais brasileiros quanto por parte dos casais de nacionalidade mista. Por último, não foi considerado o tempo de contato com a cultura do parceiro, nem o tempo de relacionamento conjugal dos participantes de cada tipo de casal. Vários participantes que eram membros de casais de nacionalidade mista comentaram sobre um período longo de contato com a cultura do parceiro, antes de se tornarem pais, o que pode ter sido um fator importante que favoreceu a qualidade da relação coparental dos casais que participaram da presente pesquisa.

Pesquisas futuras

Em pesquisas futuras, será importante acompanhar casais de ambos os tipos longitudinalmente, a fim de identificar repertórios individuais e interpessoais que contribuam para a qualidade da comunicação e da capacidade de colaboração entre os parceiros. As habilidades de lidar com diferenças permitem que as pessoas aproveitem a oportunidade de ampliar seu repertório sociocultural, no lugar de se sentir inseguro, frustrado e insatisfeito diante de diferenças culturais.

É importante lembrar, também, que as informações analisadas no presente estudo foram obtidas na base de auto relato. Considerando questões mais amplas de adaptação sociocultural, em estudos futuros será importante obter informações sobre as condições de saúde, inserção social, inserção no mercado de trabalho e sobre a qualidade das relações sociais dos participantes com amigos e membros da família de origem. Também sugere-se fazer um acompanhamento dos filhos dos casais de nacionalidade mista, para poder observar o impacto cultural trazido pelos pais no seu desenvolvimento.

Ademais, em pesquisas futuras, também devem ser consideradas diferenças na nacionalidade dos parceiros estrangeiros, já que pessoas de algumas nacionalidades são mais

facilmente aceitas pela população brasileira, o que pode facilitar a adaptação de alguns casais de nacionalidade mista, em detrimento de outros.

Implicações para a prática profissional

Visto que a parentalidade seja influenciada por questões socioculturais (Feinberg, 2003), os resultados deste estudo poderão ser úteis para psicólogos que trabalham na área da parentalidade e que atendem pessoas enfrentando dificuldades na relação coparental, especialmente em casais de nacionalidade mista. O profissional que trabalha com terapia para casais, fundamentado em conceitos sobre o sistema familiar (Minuchin & Minuchin, 2012), precisa conhecer e compreender as opções dos pais. Essa demanda seria ainda maior para profissionais que precisam oferecer apoio psicológico para pais estrangeiros, diante das demandas adicionais de adaptação cultural envolvidas. Portanto, verificar as crenças culturais e valores dos pais seria uma prática profissional que pode ocorrer no início de um período de atendimento, a fim de evitar que as crenças culturais do terapeuta interferissem “silenciosamente” no seu trabalho.

Considerações finais

Este estudo é importante diante do cenário internacional, onde é possível perceber o deslocamento de um grande número de pessoas de um país para outro nos últimos tempos, em função de problemas econômicos, climáticos e sociais (especialmente guerras). A identificação e estudo de relacionamentos interpessoais, nos quais as diferenças culturais são resolvidas de forma positiva e integrativa se torna necessário, por evidenciar que, em algumas circunstâncias, as pessoas podem lidar com diferenças de forma positiva. Também, é importante ressaltar que quando essas trocas acontecem, surgem questionamentos sobre o que nos é ensinado pelas nossas gerações anteriores. Algumas das respostas a esses questionamentos podem permitir uma expansão ou diversificação de repertórios, de forma que o intercâmbio de conhecimentos

culturais possa melhorar nosso desempenho em diferentes contextos profissionais e pessoais, além de fortalecer a qualidade das relações interpessoais, especialmente nos relacionamentos emocionalmente próximos, entre pessoas de culturas diferentes.

Referências

- Albuquerque, E. S. (2016). *Aspectos cognitivos e não - cognitivos na adaptação de estudantes universitários imigrantes*. Dissertação de Mestrado - Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, PE.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Livraria Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1977).
- Berry, J. W. (1997). Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology*, 1, 5–34.
- Braun, V. and Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101.
- Carvalho, T. R. (2020). *Coparentalidade: Evidências teoricamente Fundamentadas para Validar a Escala da Relação Coparental (Versão Brasileira)*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Carvalho, T. R., Barham, E. J., Souza, C. D., Boing, E., Crepaldi, M. A. & Vieira, M. L. (2018). Cross-cultural adaptation of an instrument to assess coparenting: Coparenting Relationship Scale. *Psico-USF*, 23(2), 215-227.
- Dancey, C.P., & Reidy, J. (2019). *Estatística sem Matemática para Psicologia*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Giustina, D. R. & Sonogo, C. J. (2020). O papel da psicologia transcultural nos processos migratórios - VIII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG VI São de Extensão, FSG, Caxias do Sul, RS.
- Guerra, L. L. L., Carvalho, T. R., de Santis, L., & Barham, E. J. (2020). Programas de intervenção em coparentalidade: tópicos abordados e técnicas cognitivo-comportamentais utilizadas. Em: B. L. A. Cardoso, & K. Paim (Eds.), *Terapias*

Cognitivo-Comportamentais para Casais e Famílias: Bases Teóricas, Pesquisas e Intervenções (pp. 397-420). Sinopsys.

Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parent: Science and Practice*, 3(2), 95-131.

Franken, I., Coutinho, M., & Ramos, M. (2012). Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 201- 219.

Magagnin, C., Körbes, J. M., Hernandez, J. A. E., Cafruni, S., Tailor Rodrigues, M. T., & Zarpelon, M. (2003). Da conjugalidade à parentalidade: gravidez, ajustamento e satisfação conjugal. *Aletheia*, 17, 41-52.

Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (2012). *O Desafio de Trabalhar com Famílias de Alto Risco Social*. São Paulo: Roca.

Santis, L. (2020). *O Inventário de Envolvimento Paterno: Verificação de Conceitos Teóricos e Ampliação das Evidências de Validade do Instrumento* (Tese de Doutorado), Universidade Federal de São Carlos, SP.

Santis, L., Barham, E. J., Coimbra, S., & Fontaine, V. G. M. A. (2017). Envolvimento paterno: validade interna da versão brasileira do Inventory of Father Involvement. *Revista de Avaliação Psicológica*, 16(2), 225-233.

Tashima, J. N. (2018). *Adaptação Cultural de Imigrantes Brasileiros no Japão*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Brasília, Brasília, DF.

Wilson, J. (2013). *Exploring the past, present and future of cultural competency research: The revision and expansion of the sociocultural adaptation construct*. Tese de doutorado. Victoria University of Wellington, Wellington, Nova Zelândia.

Anexo A

O termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) abaixo, será apresentado enquanto primeiro item (com resposta obrigatória) de um *Google Forms*. Após leitura do texto, o participante deve responder “sim” ou “não” à seguinte pergunta: “Li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e estou disposto(a) a participar da pesquisa”. Caso responda “sim”, será convidado a iniciar as atividades previstas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Em acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do CNS)

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “*A criação de filhos em casais com um parceiro imigrante e em casais brasileiros*” realizado pela aluna de graduação de psicologia na Universidade Federal de São Carlos, Melissa Sueros Torres do Laboratório de Psicologia Social (LAÇO) e orientada pela Profa. Dra. Elizabeth Barham.

O objetivo da pesquisa é examinar o funcionamento da relação entre os pais a respeito da criação do(a) seu (sua) filho(a), considerando os efeitos de diferenças culturais tanto em casais brasileiros quanto em casais de nacionalidade mista.

O (a) senhor (a) foi selecionado (a) por ser mãe ou pai de uma criança até 10 anos de idade e por ter tido essa criança após seus 18 anos de idade, por ter um nível médio de domínio de leitura e fala da língua portuguesa e ter algum dispositivo (*smartphone*, computador ou *tablet*) com acesso à internet. Sua participação nesta pesquisa terá uma duração total de aproximadamente 30 a 40 minutos. Inicialmente, responderá a um questionário muito breve sobre seu perfil sociodemográfico. Esse instrumento será respondido na modalidade *on-line* usando *Google Forms*. Caso precise de ajuda para responder alguma pergunta, pode entrar em contato com melissa.sueros@estudante.ufscar.br. Em seguida, você será convidado(a) para uma entrevista (com cerca de uma hora de duração), em um horário conveniente para você, via *Google Meet*, para responder algumas perguntas relacionadas às suas percepções dos efeitos de diferenças entre você e seu parceiro sobre como realizam suas atividades parentais, e como lidam com essas diferenças.

O(a) senhor(a) poderá ter mais informações sobre a política de privacidade em relação ao *Google Forms* através do seguinte link <https://policies.google.com/privacy?hl=pt-PT#intro>

A sua participação nesta pesquisa é livre e voluntária e é por isto que não terá nenhum custo ou compensação financeira ao participar do estudo. As despesas decorrentes da sua participação na pesquisa, quando for o caso, serão ressarcidas no dia da coleta. O(a) senhor(a) terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

Provavelmente a sua participação na pesquisa possa gerar algum desconforto ou constrangimento leve, já que algumas das perguntas podem levá-lo à reflexão sobre a forma como você e sua (seu) parceira(o) se relacionam para cuidar de seu filho que lhe gera descontentamento, assim como preocupações envolvendo seu próprio comportamento. Por esse motivo, sugerimos que as questões sejam respondidas em momento e local que considerem adequado, de preferência em uma situação privada. Além disso, existe um risco associado a qualquer acesso à internet, mas asseguramos-lhe que informações não fornecidas por você (por exemplo, endereço de IP) não serão acessadas pela pesquisadora.

Também ressaltamos que não é preciso responder a questões que causem algum incômodo, e você tem a opção de "pular" esses itens. Caso deseje, por favor, entre em contato com a aluna ou a docente responsável, para que prestem o apoio necessário. Se em algum momento o(a) senhor(a) quiser se desligar da pesquisa, por favor envie um e-mail à pesquisadora responsável: lisa@ufscar.br.

Do lado positivo, reflexões feitas durante sua participação podem ajudá-lo(a) a analisar o modo como você interage com sua (seu) parceira(o) e com a sua (seu) filho, levando à busca por soluções, permitindo encontrar melhores formas de lidar com situações difíceis. Além disso, consideramos que sua participação é importante para um melhor entendimento de como casais lidam com diferenças que existem nas suas famílias de origem, em questões que envolvam cuidado dos seus filhos.

Considerando a importância dessas questões, os dados serão guardados em uma conta institucional da docente responsável, do domínio da UFSCar por um período de cinco anos, no máximo. Os resultados poderão ser divulgados em reuniões, trabalhos científicos e utilizados para publicação de artigos científicos, mas nunca revelando sua identidade, a fim de construir e aprofundar conhecimento sobre as habilidades que casais estão utilizando um com o outro para lidar com questões de cuidados dos seus filhos.

Seu anonimato será rigorosamente mantido, eliminando a possibilidade de revelar a sua identidade. Esse sigilo também é garantido a pessoas ou grupos de pessoas que você vier a mencionar, ao responder o questionário. O(a) senhor(a) receberá uma via eletrônica deste termo, no qual consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o procedimento e a pesquisa, antes, durante ou depois de sua participação.

Também receberá uma devolutiva sobre os resultados do estudo, caso indique interesse, ao final do estudo.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisa. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFSCar que está vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa da universidade, localizado no prédio da reitoria (área sul do campus São Carlos). Endereço: Rodovia Washington Luís km 235 - CEP: 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Telefone: (16) 3351-9685. Email: cephumanos@ufscar.br. Horário de atendimento das 08:30 às 11:30.

O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Endereço: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D- Edifício PO 700, 3º andar - Asa Norte - CEP: 70719-040 - Brasília-DF. Telefone: (61) 3315-5877, e-mail: conep@saude.gov.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Contato da Pesquisadora Responsável:

Dra. Elizabeth Joan Barham

Tel: (16) 3351-8458; (16) 99618-9889

E-mail: lisa@ufscar.br

Endereço: Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luis, km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil.

Li o “Termo de consentimento Livre e Esclarecido” e estou disposto(a) a participar da pesquisa

Sim

Não

Anexo B

ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE A COPARENTALIDADE

THAIS CARVALHO



COPARENTALIDADE



MUDANÇAS NAS FAMÍLIAS

Ao longo dos últimos 40 anos, ocorreram mudanças nos papéis sociais de homens e mulheres. Muitas mulheres passaram a assumir diferentes responsabilidades, além dos papéis de esposa e mãe, o que implicou, também, em mudanças em como casais criam seus filhos. Em função dessas mudanças, os homens passaram a interagir com maior frequência com sua parceira na criação dos filhos. Dessa forma, vem surgindo um novo padrão de interação entre os pais e as mães para atender às necessidades dos filhos, conhecido como coparentalidade.

A **coparentalidade** se refere à forma como os pais (ou outras figuras parentais) se relacionam, enquanto equipe, buscando desempenhar seus papéis parentais. Uma relação coparental **positiva** é estabelecida quando os indivíduos têm responsabilidade compartilhada na criação de uma criança e quando há apoio e coordenação de esforços entre os dois pais.



IMPACTOS PARA OS FILHOS

Os pais e as mães são os responsáveis por estruturar as relações entre familiares. Por isso, é importante que sejam estabelecidas interações positivas entre os pais, um com o outro (mesmo que não residam juntos) e, também com os filhos, visto que essas interações servem de base para o desenvolvimento saudável de todos.

A relação coparental estabelecida pelos pais (morando juntos, ou não) influencia no desenvolvimento dos filhos porque eles aprendem, observando os pais, habilidades para conviver em família e para conviver em sociedade, as quais afetam a construção do autoconceito (como a criança se vê) e da autoestima da criança. Isto, por sua vez, afeta as relações da criança com outras pessoas do seu dia-a-dia.

Além do envolvimento direto de cada um dos pais com os filhos, o suporte emocional que cada parceiro oferece ao outro contribui para que os filhos tenham um desenvolvimento mais saudável, uma vez que esse suporte auxilia na manutenção do bem estar deles, incluindo quando se tornam adultos.





ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE A COPARENTALIDADE



LEITURAS ADICIONAIS

BROOKS, R. & GOLDSTEIN, S. (2005). CRIANDO E EDUCANDO FILHOS; GOTTMAN, J. & DECLAIRE, J. (2000). INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E A ARTE DE EDUCAR NOSSOS FILHOS; MONBOURQUETTE, J. (2001). ABC DA COMUNICAÇÃO FAMILIAR. WEBER, L. (2014). EDUQUE COM CARINHO - PARA PAIS E FILHOS.

COMO DESENVOLVER A COPARENTALIDADE

Para que a mãe e o pai consigam trabalhar bem, juntos, em relação aos cuidados com os filhos, é necessário que ambos reflitam sobre como interagir de forma positiva, visando maximizar o desenvolvimento da criança. Assim, é importante aprimorar as habilidades de comunicação com o(a) parceiro(a) sobre a criança, para combinar mudanças, visando resolver dificuldades que possam surgir por parte da criança, da mãe ou do pai.

O fato de alguns pais discordarem em questões envolvendo a criança não é, por si só, problemático. Mães e pais que concordam que podem ter diferenças na forma de cada um agir geralmente conseguem manter altos níveis de apoio coparental mútuo. Pais que conseguem lidar com a resolução de discordâncias de forma ativa e respeitosa, provavelmente não irão experimentar os efeitos negativos desses desacordos. Por outro lado, quando essas diferenças de opinião interferem na relação com o filho, elas demandam uma atenção especial, visto que podem afetar negativamente as práticas disciplinares utilizadas pelos pais.